

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS *CAMPUS* OURO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Luiza Barreto Lisboa

**FRASEOLOGISMOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE
LIVROS DIDÁTICOS E PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Ouro Preto
2026

Ana Luiza Barreto Lisboa

**FRASEOLOGISMOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE LIVROS
DIDÁTICOS E PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização em Ensino de Língua
Portuguesa na Educação Básica do Instituto
Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto
para obtenção do grau de especialista em
Educação em Básica. Orientadora: Elke Pena.

Ouro Preto
2026

L769f

Lisboa, Ana Luiza Barreto.

Fraseologismo no ensino de Língua Portuguesa [manuscrito] : análise de livros didáticos e proposta de sequência didática / Ana Luiza Barreto Lisboa. – 2026.

65 f. : il.

Orientadora: Elke Beatriz Félix Pena.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2026.

1. Unidades fraseológicas. 2. Léxico. 3. Ensino de Língua Portuguesa. I. Pena, Elke Beatriz Félix. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 811.134.3

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica
Rua Pandiá Calógeras - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA LUIZA BARRETO LISBOA

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE
PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**FRASEOLOGISMOS NO
LIVROS DIDÁTICOS E**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização Ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica.

Aprovada em 12 de junho de 2026, pela Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elke Beatriz Felix Pena - IFMG *Campus* Ouro Preto- Orientadora

Profa. Dra. Ana Elisa Costa Novais - IFMG *Campus* Ouro Preto
Prof. Dr. Cássio Oliveira Lignani - IFMG *Campus* Ouro Preto

Ouro Preto, 17 de junho de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Elke Beatriz Felix Pena, Professora**, em 17/06/2026, às 14:45, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Elisa Costa Novais, Professora**, em 19/06/2026, às 15:08, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Cassio Oliveira Lignani, Professor**, em 19/06/2026, às 16:37, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2770268** e o código CRC **863126D1**.

21213.000002/2026-11	2770268v1
----------------------	-----------

RESUMO

Apesar da rica contribuição científica dos estudos fraseológicos para a compreensão do léxico e de sua estreita relação com aspectos culturais e identitários, Monteiro-Plantin (2014) observa que seu ensino na língua materna ainda ocupa posição “marginal”. Partindo da hipótese de que os fraseologismos são abordados de forma superficial nos livros didáticos de Língua Portuguesa, frequentemente restritos à oposição entre linguagem conotativa e denotativa, esta pesquisa tem como objetivo ampliar a abordagem didática dessas unidades, articulando seu ensino a aspectos culturais e identitários. Fundamentada nos estudos de Biderman (2001), Hall (2006), Monteiro-Plantin (2014) e Marques (2018) a pesquisa adota abordagem qualitativa e caráter descritivo. Como *corpus*, analisa-se a coleção Português Linguagens, de William Roberto Cereja e Carolina Dias Vianna, destinada aos anos finais do Ensino Fundamental, aprovada pelo PNLD 2024–2027. Os resultados evidenciam que, embora os fraseologismos estejam presentes nos quatro volumes analisados, predominam abordagens voltadas aos aspectos semânticos e gramaticais, com pouca exploração de suas dimensões culturais e identitárias. Diante desse cenário, propõe-se uma sequência didática destinada aos anos finais do Ensino Fundamental, estruturada em atividades de pesquisa fraseológica, análise e reflexão de aspectos culturais e identitários e produção de *posts* fraseológico-culturais. A proposta busca ampliar o tratamento dos fraseologismos para além da oposição entre linguagem conotativa e denotativa, contribuindo para uma aprendizagem mais contextualizada e significativa no ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Unidades fraseológicas. Léxico. Ensino de Língua Portuguesa. Cultura. Identidade.

ABSTRACT

Despite the significant contribution of phraseological studies to the understanding of the lexicon and their close relationship with cultural and identity-related aspects, Monteiro-Plantin (2014) notes that the teaching of these units in the native language still occupies a peripheral position. Based on the hypothesis that phraseological units are treated superficially in Portuguese language textbooks, often restricted to the opposition between connotative and denotative language, this research aims to broaden the didactic approach to these units, articulating their teaching with cultural and identity-related aspects. Grounded in the studies of Biderman (2001), Hall (2006), Monteiro-Plantin (2014) and Marques (2018) this research adopts a qualitative approach with a descriptive design. The corpus consists of the textbook collection *Portugueses Linguagens*, by William Roberto Cereja and Carolina Dias Vianna, intended for the final years of Middle School (6th to 9th grade in Brazil) and approved through the National Textbook and Teaching Material Program (PNLD) 2024-2027. The results show that, although phraseological units are present in all four volumes analyzed, approaches centered on semantic and grammatical aspects predominate, with limited exploration of their cultural and identity dimensions. In light of this context, a didactic sequence is proposed for the final years of Middle School, structured around activities involving phraseological research, analysis and reflection on cultural and identity-related aspects, and the production of phraseological-cultural posts. The proposal seeks to extend the treatment of phraseological units beyond the dichotomy between connotative and denotative language, thereby contributing to a more contextualized and meaningful learning process in Portuguese Language teaching.

Key words: phraseological units. Lexicon. Portuguese language teaching. Culture. Identity.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Nossa Senhora da Conceição e a São José por guiarem meus passos, fortalecerem minha fé e renovarem minhas forças nos momentos mais difíceis desta caminhada. Sou grata pela saúde, pela proteção e por toda sabedoria que provém do alto.

À minha família, que sempre foi meu maior alicerce, deixo meu mais sincero agradecimento. Especialmente aos meus pais e irmãos, por toda compreensão, carinho e amor em cada etapa desta caminhada. Ao meu namorado, agradeço pela parceria e pelo incentivo diário.

Agradeço também às instituições em que atuei ao longo desta trajetória: à Escola Municipal Maria Leandra Dona Cota, em Bandeiras; à Escola Municipal Major Raimundo Felicíssimo, em Amarantina; e ao Colégio Vicentino Providência, em Mariana, pelas experiências, apoio e contribuições para minha formação profissional e acadêmica.

Ao Instituto Federal de Minas Gerais, *campus* Ouro Preto, agradeço pela oportunidade de crescimento acadêmico e humano. Retornar àquela que sempre considerei minha casa, após alguns anos desde minha formação no ensino médio e técnico, tornou essa experiência ainda mais especial. Agradeço também a todos os professores que fizeram parte, pelos ensinamentos, pela dedicação e pelas contribuições.

À minha orientadora, Professora Doutora Elke Pena, agradeço pela orientação, apoio e confiança depositados em meu trabalho. Agradeço também à banca examinadora pela disponibilidade e atenção dedicadas à leitura deste trabalho. Em especial, à Professora Doutora Ana Elisa Novais, por sua importância em minha trajetória acadêmica, desde o ensino médio, quando foi minha professora, até posteriormente, como orientadora de meu estágio de regência. Ao Professor Doutor Cássio Lignani, agradeço pelas palavras de incentivo e pelas contribuições no início da pós-graduação, que foram de grande importância e motivação para mim. Tenho profunda gratidão por todo o apoio recebido.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte desta caminhada. Muito obrigada!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Coleção: Português Linguagens (6º ao 9º ano)	27
Figura 2 – Trecho da atividade 1 – 6º ano	33
Figura 3 – Trecho da atividade 5 – 7º ano	35
Figura 4 – Trecho da atividade 1 – 7º ano	37
Figura 5 – Trecho da atividade 1 – 8º ano	39
Figura 6 – Trecho da atividade 6 – 9º ano	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Propriedades das unidades fraseológicas	16
Quadro 2 – Análise da unidade 1, capítulo 3 – 6º ano	31
Quadro 3 – Análise da unidade 4, capítulo 2 – 6º ano.....	34
Quadro 4 – Análise da unidade 3, capítulo 1 – 7º ano	36
Quadro 5 – Análise da unidade 4, capítulo 2 – 7º ano	38
Quadro 6 – Análise da unidade 1, capítulo 3 – 8º ano	40
Quadro 7 – Análise da unidade 4, capítulo 3 – 9º ano	42
Quadro 8 – Análise da unidade 3, capítulo 1 – 9º ano	44
Quadro 9 – Análise da unidade 3, capítulo 3 – 9º ano	45
Quadro 10 – Síntese dos resultados	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1 Os fraseologismos: bases conceituais	14
1.2 Fraseologia e educação: o ensino de unidades fraseológicas	18
1.3 A importância da identidade cultural no ensino	22
II METODOLOGIA	26
III ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS E PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	30
3.1 Análise dos livros didáticos	30
3.2 Proposta de sequência didática	47
IV CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

O universo lexical, segundo Biderman (2001, p.9), equivale a uma janela que possibilita aos sujeitos a expressão de sua visão de mundo, já que é por meio da língua que se revelam valores, as crenças, os hábitos e os costumes se revelam. A língua, em vista disso, é portadora da identidade e da memória dos falantes e é com base no fato de que ela é patrimônio vivo e mutável que surge a motivação desta pesquisa, a qual se propôs realizar um estudo de unidades fraseológicas (ufs)¹. Nesse mesmo sentido, Marques (2018), afirma que os fraseologismos “[...] constituem uma via muito produtiva de expressão cultural” (2018, p.147) por serem considerados fruto da relação entre léxico, identidade, memória e cultura.

Dessa maneira, as práticas sociais e culturais do sujeito estão totalmente atreladas às experiências vivenciadas em sua comunidade linguística, que, por sua vez, pode ser refletida no seu modo de falar. É nesse contexto que a investigação das ufs se torna essencial, pois essas expressões não apenas enriquecem a língua, mas também desempenham um papel significativo na construção da identidade cultural dos sujeitos.

Parte-se da hipótese de que a abordagem dos fraseologismos nos livros didáticos de Língua Portuguesa ocorre, em geral, de forma secundária e superficial, muitas vezes, restrita à tradução de linguagem conotativa para denotativa. Diante disso, acredita-se que a elaboração de uma sequência didática que articule aspectos culturais e identitários dessas expressões pode enriquecer o ensino, tornando-o mais contextualizado e significativo. Como objetivo geral, pretende-se elaborar uma proposta que amplie a abordagem didática dos fraseologismos em livros didáticos, articulando o conteúdo a aspectos culturais e identitários. Especificamente, busca-se (i) Evidenciar a importância do estudo fraseológico para o desenvolvimento linguístico na construção do senso de pertencimento cultural e identitário dos alunos; (ii) avaliar se o tratamento dado aos fraseologismos nos livros didáticos está alinhado às diretrizes e orientações para a valorização da cultura e da identidade; (iii) explicitar as habilidades da BNCC que fazem referência aos aspectos da cultura e identidade; e, por fim, (iv) propor sequência didática que articule o ensino dos fraseologismos a aspectos culturais e identitários, de modo a superar a ênfase à oposição conotativa/denotativa.

A justificativa para esta proposta reside no fato de que, em nossas práticas linguísticas, o uso de fraseologismos reflete experiências sociais e culturais compartilhadas, além de

¹ Neste trabalho, utilizamos os termos fraseologismo e unidade fraseológica como equivalentes. Usamos também a abreviação uf ou ufs para redução gráfica de unidade fraseológica ou unidades fraseológicas.

contribuir significativamente para a construção e afirmação de nossa identidade. Dessa forma, o senso de pertencimento e a identidade de um estudante podem ser expressos por meio desses registros, tanto na fala quanto na escrita, tornando os fraseologismos elementos fundamentais no ensino de Língua Portuguesa.

Monteiro-Plantin (2014) observa que, apesar da consistente contribuição científica na área dos estudos fraseológicos, seu uso na língua materna não é considerado como uma área de conhecimento relevante, segundo a autora:

Podemos contar, no Brasil, com consistentes estudos contrastivos dedicados às UFs, ainda que não numerosos. Todavia, carecemos de obras de referência teórica e metodológica que nos auxiliem no ensino/aprendizagem de língua materna, na promoção de uma competência discursiva suficiente para dar conta do nível fraseológico, na recepção e na produção dos mais diferentes discursos (Monteiro-Plantin, 2014, p.15).

Essa constatação evidencia a lacuna existente entre o avanço das pesquisas acadêmicas e sua aplicação no ensino, aspecto que justifica e reforça a relevância de nossa contribuição por meio de uma sequência didática.

Observações preliminares acerca da abordagem dos fraseologismos nos livros didáticos de Língua Portuguesa indicam que seu tratamento ainda é bastante superficial, restringindo-se, em grande parte, a exercícios de tradução. Essa perspectiva, embora relevante, acaba por reduzir o rico conteúdo a ser explorado nos fraseologismos, deixando em segundo plano sua importante contribuição em termos de dimensões cultural e identitária.

Ao priorizar apenas o aspecto figurativo da linguagem, os materiais didáticos negligenciam a contribuição dessas expressões para a língua, assim, nota-se uma lacuna: o ensino dos fraseologismos poderia (e deveria) favorecer reflexões mais amplas sobre identidade e diversidade cultural, mas permanece limitado a análises formais e pouco contextualizadas.

Assim, espera-se que esta análise contribua para um maior reconhecimento do papel das ufs na construção da identidade cultural e linguística dos alunos.

I REFERENCIAL TEÓRICO

Neste referencial teórico, apresentamos as bases conceituais que sustentam esta pesquisa. Inicialmente, discutiremos o que são os fraseologismos, abordando seus conceitos, tipos, funções e propriedades. Em seguida, refletiremos sobre a presença — ou ausência — dessas unidades no ensino de Língua Portuguesa, evidenciando a distância entre a produção acadêmica e a prática no ensino. Por fim, destacaremos a importância da dimensão identitária e cultural no trabalho com os fraseologismos, compreendendo-os como elementos que, para além de sua função comunicativa, são portadores de cultura e identidade. Portanto, buscamos por meio dessa seção, fornecer o embasamento necessário para a análise que será proposta posteriormente.

1.1 Os fraseologismos: bases conceituais

Nesta seção, propomos uma reflexão inicial sobre os fraseologismos, abordando o conceito, propriedades, tipos e funções. Também apresentamos a classificação dessas unidades, além de discutir a consolidação da Fraseologia enquanto disciplina autônoma, com objeto próprio de estudo. Estes conceitos iniciais fornecerão base necessária para os debates posteriores sobre o ensino e a valorização dos fraseologismos na educação².

A compreensão da Fraseologia, nesse sentido, contribui diretamente para o atendimento do objetivo (i) desta pesquisa, uma vez que o estudo das unidades fraseológicas permite evidenciar a relação entre língua, cultura e identidade, favorecendo a construção do senso de pertencimento cultural dos falantes, especialmente no contexto escolar.

A compreensão da língua como um reflexo da sociedade que a pratica é fundamental para o entendimento do papel dos fraseologismos no ensino de língua portuguesa. Bakhtin (1992) argumenta que a língua não é estática, mas sim um fenômeno dinâmico que vive e evolui historicamente através da comunicação verbal concreta. Essa perspectiva ressalta a importância de incluir no processo de ensino-aprendizagem elementos linguísticos que reflitam a cultura e as práticas sociais dos falantes. Nesse contexto, a **Fraseologia** emerge como um campo de

² Destacamos que este recorte conceitual tem como objetivo oferecer a base necessária para a compreensão dos debates desenvolvidos ao longo do trabalho de conclusão e para uma abordagem mais aprofundada e detalhada sobre o campo da Fraseologia, indicamos a leitura da dissertação “A preservação da memória através do léxico: análise de unidades fraseológicas na cidade de Ouro Preto (MG)”, desenvolvida no âmbito do Programa de pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto (MG), na qual o referencial teórico é amplamente desenvolvido.

estudo que tem como objetivo o estudo das combinações fixas da língua.

Como destaca Lisboa (2023, p.70) essas expressões não são formadas pelos falantes de forma aleatória, mas resultam da interação entre o léxico e a cultura de um coletivo. Nesse sentido, as unidades fraseológicas constituem o objeto de estudo da Fraseologia, que compreendem o conjunto de todas as expressões não livres³ utilizadas por uma comunidade linguística, ou seja, aquelas que apresentam algum grau de fixação. Assim, neste trabalho, usaremos os termos “expressões fraseológicas” ou “unidades fraseológicas” para referir-nos a esses sintagmas linguísticos congelados, isto é, não livres.

Portanto, em termos conceituais, para este artigo, adota-se a definição de Corpas Pastor (1996), segundo a qual uma unidade fraseológica é composta por duas ou mais lexias. Trata-se de uma unidade complexa, cujos elementos constituintes não podem ser compreendidos apenas pela soma dos sentidos individuais, uma vez que seu significado global é convencionalizado. Portanto, entende-se o sentido global como o significado da expressão, conforme ressalta Monteiro-Plantin (2014, p. 88-89): “o sentido da expressão não é resultado da soma do sentido de cada um dos elementos que a constitui.”, ou seja, o sentido global de uma unidade fraseológica não decorre dos significados isolados das lexias que a formam, sendo necessário avaliá-las em seu sentido idiomático ou global.

Essa perspectiva está em concordância com a concepção de Monteiro-Plantin (2014, p.15), que considerou “[...] unidade fraseológica um hiperônimo adequado para abranger o conjunto de unidades complexas, incluindo parêmsias ou sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, colocações e pragmatemas” (2014, p.15). De maneira complementar, Pamies Bertrán (2007) propõe uma definição dessas unidades:

Definimos as UFs como unidades multi-lexemáticas, mais ou menos fixas e potencialmente idiomáticas. A partir desta base comum, diversas categorias fraseológicas se opõem entre si por seu *status* morfossintático e comunicativo (Bertrán, 2007, p. 185 *apud* Monteiro-Plantin, 2014, p.39).

Isso significa que essas unidades são compostas por duas ou mais lexias (multi-lexemáticas) que, juntas, formam um sentido global. Além disso, Bertrán observa que as ufs diferem quanto ao seu *status* morfossintático e comunicativo. O *status* morfossintático refere-

³ “(...) as expressões não livres são sintagmas congelados da língua, que não podem ser separados ou substituídos sem que haja prejuízo do todo semântico; portanto, são unidades lexicais rigidamente interligadas e sua alteração comprometerá o valor semântico final” (Lisboa, 2023, p. 70).

se à estrutura gramatical da unidade, que pode variar de uma simples colocação a uma frase completa, enquanto o status comunicativo se relaciona à função da unidade no discurso, podendo transmitir informações culturais, valores ou apenas servir como fórmulas de rotina do cotidiano.

Além disso, é importante destacar que essas unidades compartilham propriedades recorrentes, como polilexicalidade, fixação, idiomaticidade, convencionalidade e frequência de uso. Essas características, conforme discutido por Monteiro-Plantin (2014), permitem distinguir as unidades fraseológicas de combinações lexicais livres, além de fornecerem critérios para sua classificação e análise. Para facilitar a compreensão, com base na classificação apresentada por Monteiro-Plantin (2014, p. 85-92), organizamos a seguir um quadro explicativo que sintetiza cada uma dessas propriedades:

Quadro 1 – Propriedades das unidades fraseológicas

Propriedades:	Definição:
<i>Polilexicalidade</i>	Refere-se ao fato de que as unidades fraseológicas são formadas por, no mínimo, duas unidades lexicais, as quais, embora segmentáveis, são armazenadas e processadas na memória do falante como uma única unidade de sentido.
<i>Fixação</i>	Refere-se à estabilidade paradigmática e semântica das unidades fraseológicas, que resultam de um processo histórico de repetição e cristalização. Essa propriedade se manifesta em dois eixos: sintagmático, que limita a substituição de elementos sem comprometer o sentido global, e paradigmático, que restringe a reordenação dos componentes da expressão.
<i>Idiomaticidade</i>	Refere-se à opacidade semântica da unidade fraseológica, ou seja, seu sentido global não resulta da soma dos significados de seus componentes. Há idiomaticidade quando o significado da expressão não pode ser deduzido literalmente.
<i>Convencionalidade</i>	Refere-se ao uso socialmente estabilizado das unidades fraseológicas por uma comunidade linguística. Está ligada ao reconhecimento coletivo dessas expressões para finalidades comunicativas específicas e se consolida pela repetição no uso cotidiano.
	Refere-se à ocorrência recorrente das unidades fraseológicas em

<i>Frequência de uso</i>	contextos de fala e escrita. Essa frequência manifesta-se tanto no uso repetido da expressão quanto na coocorrência constante dos seus elementos constituintes, contribuindo para sua fixação e consolidação na memória dos falantes.
--------------------------	---

Fonte: elaboração da própria autora, 2025.

A presença das propriedades fraseológicas permite classificar as unidades em dois grandes grupos: as unidades prototípicas e as unidades periféricas.

As unidades prototípicas são aquelas que reúnem, em maior ou menor grau, as cinco propriedades classificatórias, ou seja, polilexicalidade, fixação, idiomaticidade, convencionalidade e frequência. Nesse grupo encontram-se as parêmiias, também conhecidas como provérbios, sentenças proverbiais, adágio, refrão, dito, ditado, frase feita, máxima, citação, sentença, aforismo, wellerismo, e dialogismo, um exemplo típico desse tipo de unidade fraseológica seria: “Deus ajuda quem cedo madruga”, cujo objetivo é transmitir um ensinamento ou uma moral.

Além das parêmiias, compõem esse grupo as expressões idiomáticas, também conhecidas locuções idiomáticas, sintagmas idiomáticos, frase feita, como exemplo “chutar o balde”, cujo significado não decorre da soma de sentido dos seus termos isolados, e os pragmatemas⁴, também conhecidos por fórmulas de rotina/cortesia/pragmáticas/convencionais, que são expressões usadas em atos comunicativos convencionais, como “bom dia” e “por favor”.

Já as unidades periféricas apresentam apenas algumas dessas cinco propriedades fraseológicas, sendo, por esse motivo, também conhecidas como unidades semi-fraseológicas. Em geral, são mais flexíveis em sua estrutura, o que as diferencia das unidades prototípicas. Compõe esse grupo as colocações, que envolvem a união entre “uma base e um termo colocado”, formando pares previsíveis, como no exemplo, “forte chuva” (e não “potente chuva”). Além das colocações, também integram o grupo das periféricas, os estereótipos, que consistem em fórmulas amplamente difundidas e repassadas, sem compromisso com a verdade, como em “Deus é brasileiro”. Já os clichês referem-se à repetição de fórmulas linguísticas sem valor preconcebido, como “viveram felizes para sempre”. Os bordões são caracterizados por

⁴ Embora nem sempre apresentem idiomaticidade, são considerados prototípicos por sua alta fixação, frequência e forte convencionalidade social, o que justifica sua inclusão nesse grupo.

serem frases típicas de personagens ou grupos, um exemplo conhecido é o “beijo do gordo” (popularizado por Jô Soares) e, por último, os slogans, que são frases de efeito com finalidade publicitária, política, institucional ou de campanha, buscando a memorização, como em “todo mundo usa” (slogan da marca Havaianas).

Embora os estudos fraseológicos tenham ganhado destaque apenas nas últimas décadas, o reconhecimento da Fraseologia como uma disciplina autônoma vem crescendo. Corpas Pastor e Martínez (2004, p.9) falam em uma “globalização fraseológica” ao se referirem ao aumento da produção científica na área e à consolidação teórica. Segundo as autoras, esse movimento marca o rompimento da Fraseologia com a tradicional subordinação à Lexicologia, conferindo-lhe status independente.

Portanto, neste artigo também adotamos a Fraseologia como uma disciplina autônoma, com objeto próprio de investigação: as unidades fraseológicas, constituídas “[...] por mais de duas lexias ortográficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível de oração composta” (Corpas-Pastor, 1996, p. 20).

1.2 Fraseologia e educação: o ensino de unidades fraseológicas

Nesta seção, discutiremos a presença (ou ausência) das unidades fraseológicas no ensino de língua portuguesa a partir de diferentes perspectivas. Inicialmente, abordamos como os fraseologismos vêm sendo historicamente marginalizados nas práticas escolares, seja por meio de abordagens tradicionais centradas na norma culta, seja pela escassez de tratamento adequado nos materiais didáticos e nas propostas curriculares. Em seguida, analisamos a formação docente e a carência de disciplinas voltadas à Fraseologia nos cursos de Letras, o que contribui para a permanência desse cenário de invisibilidade. Por fim, propomos um olhar que articula os fraseologismos à dimensão cultural e identitária da língua, evidenciando seu potencial para um ensino contextualizado e significativo.

Monteiro-Plantin, em sua obra *Era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna* (2014), nos apresenta a perspectiva de que a abordagem tradicional do ensino de língua materna frequentemente negligencia o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, ao se limitar ao ensino da norma culta. Segundo a autora supracitada, esse tipo de abordagem tende a ignorar ou subvalorizar o estudo das unidades fraseológicas (ufs).

Monteiro-Plantin observa que o material didático disponível para professores, muitas vezes, desconsidera ou até mesmo desestimula o uso de fraseologismos, sob a alegação de que

esses elementos demonstrariam falta de criatividade. Essa visão negativa sobre os fraseologismos é exemplificada por Lapa (1998), que se refere ao *clichê*⁵ como a "muleta ridícula dos preguiçosos", refletindo o desprezo por essas unidades linguísticas no contexto educacional. A marginalização das ufs no ensino reflete diretrizes curriculares que se alinham a modelos teóricos tradicionais, muitas vezes desatualizados.

Conforme argumenta Monteiro-Plantin, a necessidade de desmarginalizar as ufs e integrá-las de maneira significativa no ensino de língua materna é um dos principais desafios para os estudos fraseológicos no Brasil. Essa tarefa exige uma aproximação maior entre pesquisa acadêmica e prática pedagógica, por meio da formação adequada de professores e da produção de material didático que valorize os fraseologismos como componentes importantes do processo de ensino-aprendizagem.

Cunha e Ferraz (2010, p. 73) também destaca que o material didático disponível muitas vezes desconsidera ou desestimula o uso dos fraseologismos. Os pesquisadores analisaram uma coleção de livros didáticos para o ensino fundamental II e observaram que apenas um volume apresentou apenas 26 expressões ao longo dos seus seis capítulos, enquanto nos demais não houve registro. Considerando que o livro didático é um instrumento importante para os professores, essa ausência sinaliza um não tratamento das unidades fraseológicas em sala de aula. As razões para essa lacuna não se restringem ao material, mas envolvem fatores como preconceito linguístico e a falta de preparo docente para o trabalho com esse conteúdo.

A pesquisa de Cunha e Ferraz (2010) também revelou um cenário preocupante que confirma a distância entre o conhecimento acadêmico e a prática escolar no ensino das unidades fraseológicas. Apesar da maioria dos docentes afirmar conhecer e utilizar expressões idiomáticas, muitos confundem-nas com outras categorias linguísticas. Essa lacuna pode refletir a carência de formação específica em Lexicologia ou Fraseologia nos cursos de Letras.

Nesse mesmo sentido, Souza e Salvador (2020) analisaram livros didáticos de língua portuguesa e constataram que os tópicos sobre os fraseologismos ocupam apenas uma posição vinculada a atividades gramaticais, sem devida exploração cultural, discursiva e semântica do conteúdo. Eles apontam que, embora unidades fraseológicas sejam encontradas em livros didáticos elas não são devidamente apresentadas e exploradas pelos autores.

⁵ Trata-se de uma das categorias das unidades fraseológicas. "O clichê refere-se à repetição de fórmulas linguísticas [...] o clichê é uma unidade formada por mais de duas lexias, sem ideia preconcebida. Exemplos de clichês incluem expressões frequentemente usadas em contos de fadas, tais como "era uma vez; viveram felizes para sempre, etc" (Lisboa, 2023, p.86).

Esse cenário dialoga com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ressalta a relevância do desenvolvimento das competências de leitura e escrita, destacando a importância de reconhecer e utilizar a linguagem figurada. Com propósito de atender ao objetivo (iii) desta pesquisa, que busca explicitar as habilidades da BNCC relacionadas aos aspectos de cultura e identidade, apresentam-se a seguir algumas habilidades do documento que fundamentam essa relação.

Nesse sentido, a BNCC contempla habilidades que articulam linguagem, cultura, identidade e efeitos de sentido, entre as quais se destacam as EF69LP44, EF69LP04 e EF69LP05.

Embora a BNCC não mencione de forma explícita o termo “unidades fraseológicas” ou “fraseologismos”, suas habilidades permitem a inclusão indireta dessas unidades no processo de ensino. A habilidade EF69LP44, por exemplo, propõe:

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BNCC, 2026)

De modo complementar, a EF69LP04 evidencia a análise de efeitos de sentido em textos publicitários, considerando recursos como jogos de palavras e figuras de linguagem, elementos que podem estar relacionados ao ensino de expressões fraseológicas. Enquanto a EF69LP05 aprofunda essa perspectiva ao propor a inferência e a percepção dos efeitos de sentido em textos multissemióticos.

No campo da leitura e análise linguística, habilidades como EF67LP28, EF69LP47, EF69LP17 e EF69LP54 reforçam a importância da compreensão de diferentes gêneros textuais, da análise de escolhas lexicais, das variedades linguísticas e dos efeitos de sentido produzidos por recursos figurativos.

Por fim, a BNCC também orienta sobre a formação do leitor-fruidor reforçando a centralidade das práticas de linguagem que envolvem oralidade, tradição cultural, diversidade de gêneros e circulação de textos em diferentes esferas sociais, incluindo manifestações da cultura popular e da tradição oral:

[...] A formação desse leitor-fruidor exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e

semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida.

Aqui também a diversidade deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra.

Compete ainda a este campo o desenvolvimento das práticas orais, tanto aquelas relacionadas à produção de textos em gêneros literários e artísticos diversos quanto as que se prestam à apreciação e ao compartilhamento e envolvam a seleção do que ler/ouvir/assistir e o exercício da indicação, da crítica, da recriação e do diálogo, por meio de diferentes práticas e gêneros, que devem ser explorados ao longo dos anos (BNCC, 2026).

Observa-se que, embora a BNCC não trate diretamente dos fraseologismos, suas habilidades contemplam aspectos fundamentais para sua abordagem, como cultura, identidade e oralidade. No entanto, ao se analisar o eixo de conhecimentos linguísticos voltados ao léxico, percebe-se que o documento apresenta um recorte mais restrito, priorizando aspectos como processos de formação de palavras, relações de sinonímia e antonímia, composição e derivação lexical.

Nesse eixo, predominam habilidades⁶ que se concentram na análise de palavras isoladas e em seus processos morfológicos de formação, sem contemplar de forma explícita o estudo de unidades lexicalizadas em nível fraseológico, como o estudo das expressões idiomáticas, provérbios e demais construções. Portanto, esse recorte evidencia uma limitação relevante da BNCC no que se refere à Ciência Lexical.

Nesse contexto, a ausência de um tratamento mais específico das unidades fraseológicas no documento curricular pode refletir-se também na formação inicial de professores de Língua Portuguesa. É importante destacar que a realidade atual da formação de professores brasileiros nos mostra que ainda há um longo caminho a ser percorrido, uma vez que, na maioria dos cursos de Letras, disciplinas como Lexicologia (que poderia fornecer uma base para o estudo de fraseologismos) são, muitas vezes, inexistentes. Consequentemente, a Fraseologia acaba sendo tratada como um conhecimento “extra”, acessível apenas para aqueles que têm a oportunidade de ingresso em cursos específicos de pós-graduação.

A presença dos fraseologismos no ensino de língua portuguesa também deve compreendida a partir de sua dimensão cultural e histórica. Isso porque as unidades fraseológicas carregam consigo modos de pensar e de expressão, atuando como registros da memória e da identidade sociocultural dos falantes. Um exemplo é a expressão idiomática

⁶ EF06LP03, EF07LP03, EF67LP34, EF67LP35 e EF08LP05.

“quinto dos infernos”⁷, que possui raízes na história colonial de Minas Gerais, sendo associada ao imposto da quinta parte sobre o ouro extraído, exigido pela Coroa portuguesa. Em cidades como Ouro Preto, há relatos orais que vinculam o uso da expressão à memória da exploração. No uso cotidiano, a expressão “mandar para o quinto dos infernos” adquiriu um sentido negativo e de xingamento, indicando desejo de afastamento ou de desprezo em relação a alguém ou algo.

Dessa forma, observamos como os fraseologismos expressam valores, emoções e carregam histórias e visões de mundo. Tais unidades, longe de serem apenas repetições despretenciosas da língua, são veículos e portadores de significados históricos, ideológicos e culturais. Por isso, o ensino das unidades fraseológicas pode e deve ser promovido como uma ferramenta de valorização da cultura linguística dos falantes. O ensino dos fraseologismos pode e deve ser explorado como ferramenta de aproximação entre língua, cultura e identidade, enriquecendo o processo de aprendizagem por meio de uma abordagem crítica e contextualizada.

Diante do exposto, a revisão teórica apresentada nos oferecerá o embasamento inicial e necessário para o desenvolvimento da proposta de pesquisa. No próximo tópico, discutiremos mais profundamente essa relação entre o aprendizado da língua e a dimensão cultural do sujeito, destacando a importância de que o ensino da língua portuguesa seja integrado ao contexto social, identitário e cultural dos alunos.

1.3 A importância da identidade cultural no ensino

Conforme discutido na seção anterior, embora os fraseologismos tenham sido progressivamente incorporados aos livros didáticos e às práticas pedagógicas, é necessário problematizar se essa incorporação tem se dado de forma efetiva e significativa. A partir dessa perspectiva, destaca-se a importância da dimensão identitária e cultural como elemento importante, uma vez que os fraseologismos carregam em sua constituição marcas históricas, identitárias e socioculturais. Considerar tais aspectos no ensino contribui não apenas para o desenvolvimento da competência linguística, mas também para a valorização da identidade dos falantes e para a promoção de uma aprendizagem mais crítica e significativa da língua.

O processo de aprendizagem é estudado por diferentes teóricos, entre eles destaca-se

⁷ Unidade fraseológica investigada na dissertação (Lisboa, 2023).

Paulo Freire, um dos mais influentes educadores do século XX. Em suas obras, Freire destaca que o ato de aprender não se reduz à mera memorização ou transmissão de conteúdos, mas a constituição de um processo dialógico e social, profundamente enraizado na realidade concreta dos sujeitos. Paulo Freire (1996, p.25) defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, por isso o ensino deve partir dos saberes prévios e das vivências dos alunos, permitindo-lhes construir conhecimentos a partir de sua própria experiência de mundo. Desse modo, ao incorporar os fraseologismos em sala de aula de forma contextualizada, o professor promove não apenas o desenvolvimento linguístico, mas também a constituição e consciência identitária, cultural e social de seus alunos.

É importante mencionar que essa perspectiva atende ao objetivo (i) desta pesquisa, ao evidenciar que o estudo das unidades fraseológicas contribui para a construção do senso de pertencimento cultural e identitário dos alunos.

Ainda segundo o autor supracitado, a leitura da palavra deve estar articulada à leitura do mundo (Freire, 1996, p. 11), o que implica considerar que a linguagem é sempre atravessada por experiências identitárias e culturais. Nesse sentido, o trabalho com fraseologismos demanda uma abordagem que ultrapasse o nível estrutural, contemplando os sentidos sociais que os constituem. Com base nessa perspectiva, defendemos que o ensino da língua portuguesa (e, mais especificamente, das unidades fraseológicas) deve ser orientado por uma abordagem contextualizada, crítica e culturalmente enraizada.

Por uma necessidade de definição de conceitos e considerando que pretendemos propor a elaboração de uma sequência didática que articule aspectos culturais e identitários das unidades fraseológicas, entendemos ser fundamental explicitar o que compreendemos por identidade e cultura, uma vez que tais noções sustentam teoricamente nossa proposta. Por isso, neste trabalho, compreendemos identidade cultura segundo Hall (2006, p.13) como um processo histórico e social, portanto, definida historicamente e não biologicamente. Não se trata de um conjunto estático ou permanente, mas de um sistema dinâmico de significações que se transforma continuamente nas interações sociais, torna-se a “(...) celebração móvel: formada e transformada continuamente (...) pelos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, p. 12-13). A cultura manifesta-se também na linguagem, pois é por meio dela que os sujeitos produzem, reproduzem e ressignificam suas experiências coletivas. Nessa perspectiva, língua e cultura não podem ser dissociadas, sobretudo quando se analisam unidades linguísticas.

Nessa direção, a dimensão cultural assume um papel central no ensino dos

fraseologismos, uma vez que essas unidades linguísticas estão profundamente enraizadas na experiência coletiva de uma comunidade. A cultura é um conceito multifacetado discutido por muitos filósofos e estudiosos, como destacou Cícero no século I a.C., se refere ao “cultivo do espírito”, ou seja, o aprimoramento interior do sujeito por meio do aprendizado, da leitura e da imitação dos bons exemplos (Cunha, 1996, p. 233). Longe de ser um repertório fixo de saberes transmitidos passivamente entre gerações, a cultura é compreendida como um processo histórico, dinâmico e acumulativo de construção e reconstrução de sentidos, valores e formas de ver o mundo. Trata-se, portanto, de um elemento constitutivo da identidade dos indivíduos.

No ensino da língua portuguesa, essa compreensão aponta-nos para a necessidade de se valorizar os aspectos culturais constitutivos da língua, tais como os provérbios, expressões idiomáticas etc, portadores de memórias, valores e histórias que refletem a experiência e a identidade sociocultural dos falantes. O reconhecimento desse caráter cultural das unidades fraseológicas implica um ensino que valorize a língua como instrumento de conexão entre o sujeito e o meio social que vive, em um contexto marcado pela crescente virtualização das relações, pelo individualismo e pelo enfraquecimento dos espaços de convivência coletiva, torna-se ainda mais urgente promover em sala de aula experiências que reconectem o aluno à cultura de seu grupo social, de sua comunidade e de sua história.

A identidade, por sua vez, constitui-se nesse mesmo movimento histórico e relacional. Ela não é fixa, mas construída na interação entre o sujeito e os sistemas culturais nos quais está inserido, conforme discutido por Stuart Hall (2006, p.38) “(...) é formado ao longo do tempo, através de processos incoscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, assim, podemos conceber a identidade de um sujeito como “processo em andamento” (Hall, 2006, p.39).

Nesse sentido, Hall (2006, p.10-13) analisa três concepções de identidade que marcam diferentes momentos históricos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo era compreendido como um indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, consciência e capacidade de ação. Sua identidade seria essencialmente interior, formada no nascimento e desenvolvida ao longo da vida, mantendo, contudo, uma unidade estável.

Já o sujeito sociológico passa a ser entendido como constituído na relação com o outro. Seu interior não é mais concebido como autônomo, mas como resultado das interações com aqueles que “eram importantes para ele” (Hall, 2006, p. 11). A identidade, nesse caso, forma-

se no diálogo entre o eu e a sociedade. É nesse percurso que emerge o sujeito pós-moderno, cuja identidade deixa de ser fixa ou permanente, passando a ser compreendida como uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, p. 13).

Os sujeitos constroem suas identidades por meio das práticas sociais que compartilham, sendo a linguagem um dos principais espaços dessa constituição, segundo Sausurre (*apud* Hall 2006, p.40) “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos (...); significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Desse modo, ao trabalhar fraseologismos em sala de aula, não se está apenas “ensinando língua”, mas mobilizando elementos que participam da formação cultural e identitária dos falantes. Assim, o ensino dessas unidades deve ir além da simples memorização ou tradução literal, buscando restabelecer o vínculo dessas expressões com os contextos históricos, sociais e culturais, promovendo, assim, uma aprendizagem crítica e significativa.

Partindo dessa perspectiva, propomos, no próximo capítulo, uma análise do tratamento dado aos fraseologismos em livros didáticos de língua portuguesa. Nosso objetivo é investigar se e como as atividades propostas contemplam a dimensão cultural dessas unidades, levando em consideração aspectos como o contexto de uso, o pertencimento regional ou social das expressões, a ativação de saberes prévios dos alunos, bem como o estímulo à reflexão crítica sobre a linguagem como prática social.

II METODOLOGIA

Para que os objetivos deste projeto de pesquisa sejam atingidos, optou-se por um caminho metodológico explicitado a seguir baseando-nos nos estudos de Brasileiro (2016) e Paiva (2019).

Quanto à abordagem, esta pesquisa foi de natureza qualitativa, pois, conforme as autoras supracitadas, buscou-se interpretar o fenômeno lexical dos fraseologismos e sua relação com identidade e cultura, sem nos deter a técnicas estatísticas. Em relação aos seus objetivos, tratou-se de uma pesquisa descritiva, cuja finalidade foi expor, “[...] observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou características (variáveis) sem manipulá-los” (Paiva, 2019, p.14). Nesse contexto, a pesquisa se propôs a analisar os fraseologismos presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa e sua articulação com aspectos culturais e identitários, considerando o universo lexical como reflexo da cultura, memória e identidade dos falantes (Biderman, 2001; Marques, 2018).

Paralelamente, foi desenvolvida uma sequência didática voltada ao ensino de fraseologismos sob uma perspectiva cultural e identitária, buscando ampliar abordagens tradicionalmente restritas. A proposta teve origem na oficina “Devagar com o andor que o santo é de barro: as ciências do léxico e o campo da fraseologia”, apresentada na XVII Semana Nacional de Letras e IV Simpósio Nacional de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, promovidos pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, em 2024, sendo posteriormente adaptada para esta pesquisa. Dessa forma, pretendeu-se estimular reflexões acerca dos valores, hábitos, memórias e identidades materializados nas unidades fraseológicas, bem como promover o confronto entre usos populares e registros escritos.

Em termos de procedimentos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida por meio da análise de livros didáticos de Língua Portuguesa destinados aos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente a coleção de autoria de William Roberto Cereja e Carolina Dias Vianna, publicada pela Editora Saraiva e aprovada no âmbito do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2024–2027).

A escolha dessa coleção justificou-se por dois fatores principais: primeiramente, por tratar-se de material amplamente adotado na rede pública de ensino; em segundo lugar, por constituir o conjunto de livros utilizados pela pesquisadora em sua prática docente, o que favoreceu o acesso ao acervo e possibilitou uma análise articulada à realidade da sala de aula.

Figura 1 – Coleção: Português Linguagens (6º ao 9º ano)



Fonte: <https://www.edocente.com.br/pnld/colecao/portugues-linguagens-objeto-1-pnld-2024-anos-finais-ensino-fundamental/>. Acesso em: maio de 2026.

Dessa forma, os critérios a seguir foram definidos como instrumentos de observação e análise do tratamento didático das unidades fraseológicas ns capítulos investigados:

- (i) contextualização histórica ou cultural da expressão;
- (ii) exploração da circulação social da unidade fraseológica;
- (iii) articulação com aspectos identitários ou regionais;
- (iv) reflexão sobre usos discursivos;
- (v) diferenciação entre categorias fraseológicas;
- (vi) utilização da unidade apenas como suporte para conteúdos gramaticais ou textuais.

No primeiro critério, observou-se se o livro didático apresentou informações relacionadas à origem histórica, literária ou cultural da unidade fraseológica, possibilitando ao aluno compreender os sentidos construídos ao longo do tempo. Como exemplo, a expressão “nem tudo que reluz é ouro” que pode ser relacionada à obra *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare, cuja primeira publicação data de 1598. Na peça, a formulação “nem tudo o que luz é oiro” aparece contextualizada durante um teste envolvendo três baús (de ouro, prata e chumbo) em que a escolha equivocada do personagem pelo baú de ouro evidencia a temática

das aparências enganosas (Lisboa, p.147, 2023).

No segundo critério, verificou-se se o material abordou os diferentes contextos de uso da expressão, considerando aspectos como época, circulação em diferentes grupos sociais, entre outros. Nesse sentido, expressões como “fidalgo de meia tigela” permitiram observar mudanças de uso e de sentido ao longo do tempo. Registrada em dicionários antigos, como o de Raphael Bluteau (1712, p. 775), a expressão era utilizada para se referir a nobres considerados “pouco ilustres”, indicando sujeitos que possuíam apenas o título de nobreza. Portanto, os registros antigos mostraram uma associação da unidade fraseológica às hierarquias sociais que existiam na época. Posteriormente, em dicionários mais contemporâneos, observou-se a supressão da lexia “fidalgo”, o que evidenciou que as transformações linguísticas estão relacionadas às mudanças históricas, sociais e culturais (Lisboa, p.164, 2023)

No terceiro critério, analisou-se práticas que relacionaram as unidades fraseológicas às identidades culturais ou regionais dos falantes, reconhecendo a língua como parte constitutiva da memória social e cultural. Um exemplo foi a expressão “santo do pau oco”, frequentemente usada em cidades históricas e relacionada ao contrabando de ouro durante o período colonial. Estudos posteriores, porém, apontaram que muitos santos eram ocados em razão de técnicas construtivas empregadas para evitar rachaduras na madeira ou reduzir o peso das imagens em procissões (Lisboa, p. 124, 2023). Assim, essas discussões permitiram compreender como os fraseologismos preservam narrativas históricas de lugares presentes no imaginário coletivo.

No quarto critério, identificou-se se o livro propôs discussões sobre os efeitos de sentido produzidos pelas ufs em diferentes gêneros textuais e situações comunicativas. Nesse caso, citou-se o exemplo apresentado no livro didático de análise deste estudo: o provérbio “Pra bom ser humano, meia palavra basta” reformulado para “Para bom entendedor, meia palavra basta” na propaganda vinculada ao Código Florestal. Nessa construção, a substituição da lexia “entendedor” por “ser humano” produziu outro sentido e ampliou a interpretação da expressão para uma dimensão ambiental.

No quinto critério, observou-se se o material distinguiu categorias como provérbios, expressões idiomáticas, colocações, dentre outros, conforme discutido na seção 1 “Os fraseologismos: bases conceituais” do referencial teórico. Esse critério tornou-se relevante por considerar a importância da ciência lexical para os estudos da linguagem.

Finalmente, o sexto critério verificou-se se as unidades fraseológicas apareceram apenas como suporte para o ensino de conteúdos linguísticos (como figuras de linguagem,

interpretação textual ou tópicos gramaticais) sem aprofundamento de seus aspectos culturais, históricos e discursivos. Nesse sentido, observou-se se os fraseologismos são tratados apenas como exemplos ilustrativos ou se houve espaço para reflexões que considerassem sua circulação social, sua relação com a memória cultural e seus usos em práticas reais na linguagem.

Os critérios de análise adotados nesta pesquisa foram construídos a partir das leituras teóricas desenvolvidas pela pesquisadora ao longo de sua pesquisa de mestrado, finalizada em 2023, bem como das observações preliminares realizadas durante o contato com os livros didáticos de Língua Portuguesa em sua prática docente. Desse modo, os critérios elaborados buscaram contemplar aspectos considerados relevantes para uma análise mais ampla do tratamento didático dos fraseologismos, permitindo observar não apenas sua presença nos materiais, mas também as possibilidades de reflexão cultural e social propostas pelas atividades.

Por fim, os dados coletados permitiram avaliar se os livros didáticos abordaram os fraseologismos de forma secundária e superficial, como sugeriu a hipótese inicial, que apontou para a predominância da tradução conotativa/denotativa. Posteriormente, serviram de base para a elaboração da sequência didática que articulou os fraseologismos a aspectos culturais e identitários, promovendo um ensino mais contextualizado e significativo.

Essa abordagem metodológica, portanto, buscou dialogar com a lacuna apontada por Monteiro-Plantin (2014) acerca da escassez de materiais e propostas pedagógicas voltadas ao ensino da dimensão fraseológica da língua, especialmente no que se refere às relações entre fraseologia, cultura e identidade. Ao analisar de que maneira os livros didáticos abordaram essas unidades, a pesquisa buscou contribuir para reflexões sobre práticas de ensino que ultrapassassem a simples explicação literal dos fraseologismos, valorizando também seus aspectos históricos, culturais e discursivos. Nesse sentido, além da análise do livro didático, foi proposta uma sequência didática que buscou estimular o estudo dos fraseologismos por meio da pesquisa em obras fraseológicas, dicionários fraseológicos e dicionários de língua⁸, promovendo a reflexão sobre os aspectos culturais e identitários da língua.

⁸ Neste trabalho, entendemos por dicionários de língua as obras que descrevem o léxico geral da língua, tomando o lexema como unidade principal de registro, ao passo que os dicionários fraseológicos têm como objeto principal as unidades fraseológicas, tais como locuções, expressões idiomáticas e provérbios. Incluem-se ainda as obras ou coletâneas fraseológicas, que reúnem e registram fraseologismos, mas nem sempre apresentam a organização, metodologia e a sistematicidade características de um dicionário.

III ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS E PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A presente seção apresenta a sistematização dos principais resultados obtidos a partir do levantamento e da interpretação das unidades fraseológicas nos volumes da coleção investigada. A discussão organiza-se em dois momentos complementares. No item 3.1, desenvolve-se a análise detalhada dos livros didáticos, considerando a presença e o tratamento das unidades fraseológicas nos diferentes volumes investigados. Em seguida, no item 3.2, apresenta-se a sequência didática voltada ao ensino de fraseologismos, elaborada a partir das lacunas identificadas na análise, com o objetivo de ampliar as possibilidades de abordagem dessas ufs em sala de aula, articulando língua, cultura e identidade.

3.1 Análise dos livros didáticos

A análise a seguir orienta-se pelo objetivo específico (ii) da pesquisa, que consiste em verificar se o tratamento dado aos fraseologismos nos livros didáticos está alinhado às diretrizes e orientações para a valorização da cultura e da identidade. Para a sistematização dos dados, são elaboradas tabelas-síntese ao final de cada análise, com o intuito de sistematizar os resultados e favorecer uma visualização mais clara dos critérios analisados.

A análise dos quatro volumes da coleção foi realizada a partir do levantamento das ocorrências de unidades fraseológicas, conforme as categorias previamente delimitadas neste trabalho. O objetivo foi identificar não apenas a presença dessas ufs no material, mas, sobretudo, a forma como são abordadas didaticamente, observando-se a articulação (ou não) com dimensões culturais e identitárias, além disso, observaram-se os seguintes critérios: (i) contextualização histórica ou cultural da expressão; (ii) exploração de sua circulação social; (iii) articulação com aspectos identitários; (iv) reflexão sobre usos discursivos; (v) diferenciação entre categorias fraseológicas; e (vi) utilização da unidade fraseológica apenas como suporte para conteúdos gramaticais ou textuais.

No volume destinado ao 6º ano, unidade 1, capítulo 3, p.76, intitulado *Fábulas em cena*, foram identificadas duas categorias principais de unidades fraseológicas: (i) provérbios e (ii) expressões idiomáticas. Os ditados apresentados incluem, entre outros, “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, “Quem tudo quer nada tem” e “A ociosidade é a mãe de todos os vícios”. Já as expressões idiomáticas aparecem em enunciados como “arroz de festa”, “calcanhar de Aquiles”, “cara de pau” e “livro aberto”. Os provérbios são usados no contexto do estudo das figuras de linguagem e são utilizados como exemplos para identificação de

recursos como inversão, antítese, metáfora e personificação. De modo semelhante, as expressões idiomáticas são analisadas sob a perspectiva da metáfora.

Observa-se, portanto, que a inserção dessas unidades apresentam três movimentos principais: identificação da figura de linguagem; explicitação do significado da expressão; ativação do conhecimento prévio por meio de perguntas como “Você conhece esses ditados?” ou “Em que situações eles são usados?”.

O tratamento das unidades fraseológicas permanece concentrado nos aspectos semânticos e não há exploração dos conceitos culturais e identitários. Por exemplo, a expressão “calcanhar de Aquiles” é apresentada apenas como metáfora para “ponto fraco”, sem referência ao mito que lhe dá origem, o que poderia abrir espaço para outras discussões.

Segundo registros do dicionário fraseológico de Hudinilson Urbano (2018, p. 348), a origem mitológica da expressão se relaciona à narrativa de Aquiles, personagem da mitologia grega, filho do rei Peleu e da deusa Tétis, que possuía como único ponto vulnerável o calcanhar⁹. A inserção dessas informações durante a aula poderia favorecer discussões sobre memória cultural e permanência de referências mitológicas na linguagem contemporânea.

Na proposta de atividade do livro didático, há tentativas de ativação do conhecimento prévio dos alunos, o que sugere uma aproximação com sua circulação social. Entretanto, essa exploração não se desenvolve de forma mais ampla, já que o material não problematiza os contextos históricos, culturais ou geracionais em que essas unidades circulam, assim sendo, o autor não propõe discussões sobre quem costuma utilizar essas expressões, em quais contextos elas aparecem ou de que modo são transmitidas entre gerações.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas nos capítulos do livro didático:

Quadro 2 – Análise da unidade 1, capítulo 3 – 6º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Não identificado

⁹ “[...] Logo após o seu nascimento, para imortalizá-lo, Tétis, segurando-o pelo calcanhar, mergulhou-o nas águas do rio Styx, que tinha o poder de tornar invulnerável quem nele fosse banhado. A água, porém, não tocou o calcanhar que a mão segurava. Aquiles tornou-se um grande guerreiro e matou Heitor, numa das batalhas da guerra de Troia. Não conseguiu, porém, entrar na cidade, pois uma seta desferida por Páris o atingiu no calcanhar vulnerável e o matou” (Urbano, p. 349).

(ii) exploração de sua circulação social	Parcial
(iii) articulação com aspectos identitários	Não identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Identificado
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Predominante

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Ainda no volume destinado ao 6º ano, no eixo “Semântica e Discurso”, unidade 4, capítulo 2, p.275, o livro didático apresenta uma propaganda vinculada ao Código Florestal, cuja construção é: “Pra bom ser humano, meia palavra basta”. A atividade propõe a análise da construção de sentido a partir da imagem e da adaptação de um ditado popular. A construção utilizada na propaganda estabelece diálogo direto com o provérbio tradicional: “Para bom entendedor, meia palavra basta”. Trata-se de um provérbio amplamente difundido na língua portuguesa. No material didático, o exercício solicita explicitamente que o aluno reconheça essa relação intertextual, identificando o ditado original e explicando seu sentido. Diferentemente do caso anterior (em que os provérbios eram utilizados como exemplos de figuras de linguagem), aqui o foco desloca-se para um processo de construção discursiva.

Podemos ampliar essa discussão com informações presentes no dicionário fraseológico de Hudinilson Urbano (2018, p. 385), que registra o provérbio “Para/A bom entendedor, meia palavra basta” como uma expressão difundida não apenas na língua portuguesa, mas também em idiomas como francês, espanhol, italiano e inglês. Segundo o autor, a expressão refere-se à capacidade de um “interlocutor inteligente e perspicaz” compreender uma mensagem sem a necessidade de explicações detalhadas. O dicionário também apresenta registros antigos do provérbio, mencionando sua ocorrência na obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1605, cap. XXXVI), por meio da formulação “A buen entendedor, breve hablado”. A inserção dessas informações contribui para ampliar a reflexão dos alunos sobre a historicidade, a circulação cultural e a permanência das unidades fraseológicas em diferentes línguas, épocas e contextos discursivos.

Figura 2 – Trecho da atividade 1 – 6º ano

Leia a propaganda a seguir.

1. Observe a imagem de fundo da propaganda.



OBSERVATÓRIO DO CÓDIGO FLORESTAL. #Bastaserhumano pra abraçar esta causa!. Disponível em: <https://livro.pw/ypmgj>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Fonte: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/leitor/portugues-linguagens-6o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/?obraId=6006>. Acesso em: maio de 2026.

Ao comparar a formulação tradicional com a versão adaptada, a atividade explora os efeitos de sentido produzidos pela modificação, mas, ainda assim, a abordagem permanece centrada nos efeitos semânticos da alteração.

No que se refere à diferenciação das categorias fraseológicas, observa-se que o material reconhece o caráter proverbial da expressão ao relacioná-la a um “ditado popular”. Entretanto, não há aprofundamento acerca das características dessa categoria fraseológica (provérbio), com sua função de transmitir ensinamentos ou conselhos.

Na questão 4 (p.275), ao solicitar que o aluno identifique o ditado original e explique seu sentido, a atividade privilegia uma abordagem baseada na tradução. Ainda que seja importante compreender o significado convencional da expressão, cabe problematizar que a abordagem que se restringe à explicação literal do sentido pode empobrecer o estudo dessas unidades. Sendo assim, o livro didático não explora de que maneira essa uf circula socialmente em práticas cotidianas de fala, tampouco discute em quais grupos, contextos ou gerações a expressão costuma ser utilizada. Seria possível ampliar a atividade com questionamentos como: em que situações sociais esse provérbio costuma ser utilizado? Quem o emprega? Com que

intenção? Ele pode ter sentidos diferentes conforme o contexto? Que efeitos produz na interação?

Também não há articulação com experiências culturais dos próprios alunos, como usos familiares ou regionais do provérbio, aspecto que poderia favorecer uma aproximação entre escola e prática social.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas no eixo semântica do discurso do livro didático:

Quadro 3 – Análise da unidade 4, capítulo 2, eixo “semântica do discurso” – 6º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Não identificado
(ii) exploração de sua circulação social	Parcial
(iii) articulação com aspectos identitários	Não identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Parcial
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Predominante

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Em geral, a análise do volume do 6º ano evidencia que as unidades fraseológicas aparecem de forma pontual. Sendo assim, sua ocorrência restringe-se a dois momentos específicos: um conjunto de ditados populares utilizado como exemplo de figuras de linguagem e a adaptação de um provérbio em atividade de leitura de propaganda.

Observa-se que os fraseologismos funcionam prioritariamente como suporte para outros conteúdos. Desse modo, pode-se concluir que, no 6º ano, a presença dos fraseologismos é reconhecida, mas não estruturada em conhecimento maior.

Dando continuidade à análise da coleção, passa-se agora ao volume do 7º ano, no qual se observa a permanência de propostas que utilizam os fraseologismos principalmente como

suporte para conteúdos gramaticais e sintáticos.

No volume destinado ao 7º ano, unidade 3, capítulo 1, p. 192, os provérbios aparecem em uma atividade voltada ao ensino de preposições, na qual os alunos devem completar lacunas em expressões conhecidas, como “Quem com ferro fere com ferro será ferido”, “Casa de ferreiro, espeto de pau” e “De grão em grão a galinha enche o papo”. A atividade é inicialmente introduzida por um texto relacionado ao conceito de cidadania, no qual se discutem direitos, deveres e pertencimento social. Observa-se que os provérbios são utilizados exclusivamente como suporte para a identificação e aplicação de conteúdos gramaticais, sem exploração de seus sentidos proverbiais ou de seus contextos de circulação social. Vejamos a atividade:

Figura 3 – Trecho da atividade 5 – 7º ano

5. Reescreva no caderno os provérbios a seguir completando-os adequadamente com preposições.

a) “Quem _____ **Com** ferro fere _____ **com** ferro será ferido.”

b) “**Em** _____ casa _____ de ferreiro, o espeto é _____ **de** pau.”

c) “Não há rosa _____ **Sem** espinho.”

d) “Ri melhor quem ri _____ **Por** último.”

e) “**De** _____ grão _____ **em** grão a galinha enche o papo.”

f) “**Contra** _____ fatos não há argumentos.”

Fonte: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/leitor/portugues-linguagens-7o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/?obraId=6008>. Acesso em: maio de 2026.

Do ponto de vista dos critérios estabelecidos nesta pesquisa, não há contextualização histórica ou cultural das unidades fraseológicas, tampouco articulação com aspectos identitários ou regionais. A proposta restringe-se à inserção correta das preposições, reduzindo os fraseologismos à função de exemplificação gramatical.

Os provérbios do exercício possibilitariam discussões mais amplas. Segundo o dicionário fraseológico de Hudinilson Urbano (2018, p. 390), o provérbio “Quem com ferro fere com ferro será ferido” possui origem bíblica e apresenta registros em latim “*Qui gladio ferit, gladio perit*” além de versões em diferentes línguas, como espanhol, francês, italiano e inglês. O provérbio transmite a lição de que o indivíduo pode sofrer as consequências do mesmo

mal que causou a outra pessoa. A inserção dessas e outras informações poderia ampliar a compreensão dos alunos acerca da historicidade e da circulação cultural.

Também não se observa reflexão sobre os efeitos discursivos, já que os provérbios aparecem descontextualizados de situações reais de comunicação. Expressões como “Contra fatos não há argumentos” ou “Ri melhor quem ri por último”, por exemplo, poderiam favorecer discussões sobre aconselhamento, moralidade, ironia ou posicionamento discursivo, mas tais possibilidades não são exploradas pelo material didático.

Além disso, o exercício não diferencia os provérbios como categoria fraseológica específica, tratando-os apenas como frases utilizadas para completar lacunas gramaticais. Dessa forma, verifica-se a predominância do critério relacionado ao uso das unidades fraseológicas apenas como suporte para conteúdos linguísticos, evidenciando um tratamento instrumental e pouco aprofundado dos provérbios no processo de ensino-aprendizagem.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas no eixo semântica do discurso do livro didático:

Quadro 4 – Análise da unidade 3, capítulo 1 – 7º ano

Crítérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Não identificado
(ii) exploração de sua circulação social	Não identificado
(iii) articulação com aspectos identitários	Não identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Não identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Não identificado
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Predominante

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Ainda sobre o volume destinado ao 7º ano, unidade 4, capítulo 2, página 292, dedicado ao estudo do adjunto adverbial, os provérbios reaparecem no bloco de exercícios finais, com a

seguinte proposta: “Nos provérbios a seguir, indique a circunstância expressa pelos advérbios destacados”. Assim como no capítulo anterior sobre preposições, os provérbios aparecem exclusivamente como suporte para identificação de função sintática, neste caso, como exemplos de circunstâncias adverbiais (tempo, lugar, modo, negação, instrumento). Observa-se um tratamento instrumental, que privilegia a classificação gramatical. Vejamos:

Figura 4 – Trecho da atividade 1 – 7º ano

Exercícios

- Nos provérbios a seguir, indique a circunstância expressa pelos advérbios destacados.
 - a) “Cão que ladra **não** morde.” *Negação.*
 - b) “Quem chega **na frente** bebe água limpa.” *Tempo (= antes).*
 - c) “Quem **com ferro** fere **com ferro** será ferido.” *Instrumento.*
 - d) “**Nunca** diga desta água **não** beberei.” *Tempo e negação, respectivamente.*
 - e) “Quem anda **em terra alheia** pisa **no chão devagar**.” *Lugar, lugar e modo, respectivamente.*

Fonte: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/leitor/portugues-linguagens-7o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/?obraId=6008>. Acesso em: maio de 2026.

Do ponto de vista dos critérios estabelecidos nesta pesquisa, não há contextualização das unidades fraseológicas presentes na atividade. O provérbio como “Nunca diga desta água não beberei” carregam saberes populares historicamente construídos e socialmente compartilhados, mas tais dimensões não são abordadas pelo material didático. Segundo o dicionário fraseológico de Hudinilson Urbano (2018, p. 320), a expressão refere-se à impossibilidade de afirmar que nunca se fará algo, uma vez que determinadas circunstâncias podem levar o indivíduo a agir de maneira diferente no futuro. O autor também relaciona o provérbio à fábula “O lobo e o cordeiro”, de Esopo, em que a narrativa evidencia relações de injustiça entre os personagens. A inserção dessas informações permitiria ampliar a compreensão dos alunos. Entretanto, o foco do exercício proposto no exercício didático restringe-se à identificação das circunstâncias expressas pelos advérbios.

Também não se observa exploração de sua circulação social, uma vez que os provérbios aparecem totalmente descontextualizados, o exercício não problematiza quem utiliza essas expressões ou em quais contextos sociais elas circulam.

No que se refere aos aspectos identitários e culturais, o exercício igualmente não estabelece relações entre os provérbios e experiências socioculturais dos estudantes. Quanto aos usos discursivos, observa-se ausência de reflexão sobre os efeitos de sentido produzidos

pelos provérbios, os provérbios poderiam suscitar discussões relacionadas a advertência, aconselhamento ou ironia, considerando suas funções argumentativas.

Por fim, o exercício reconhece os enunciados como provérbios, mas não aprofunda as características dessa categoria fraseológica, como sua função de transmitir ensinamentos. Dessa forma, os provérbios são utilizados apenas como exemplos para análise gramatical, sem aprofundamentos maiores.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas:

Quadro 5 – Análise da unidade 4, capítulo 2 – 7º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Não identificado
(ii) exploração de sua circulação social	Não identificado
(iii) articulação com aspectos identitários	Não identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Não identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Parcial
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Predominante

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

No volume destinado ao 8º ano, unidade 1, capítulo 3, eixo “oralidade em foco”, página 65, a tira protagonizada por Armandinho, representa um avanço na abordagem das unidades fraseológicas em comparação aos volumes anteriores. A expressão cristalizada “cara-pálida”¹⁰ é explorada não apenas quanto ao sentido construído no contexto da tira, mas também em suas outras dimensões. Diferentemente das atividades analisadas anteriormente, o livro

¹⁰ Neste trabalho, entendemos a expressão “cara-pálida” como um estereótipo linguístico, portanto, como uma unidade semi-fraseológica periférica. Essa classificação justifica-se pelo fato de a expressão estar associada a representações cristalizadas e generalizantes construídas historicamente sobre sujeitos brancos e povos indígenas, especialmente em narrativas de faroeste e produtos culturais do século XX como contextualizado pela atividade.

contextualiza a expressão no universo dos filmes de faroeste (western) e discute a representação estereotipada dos povos indígenas nesses produtos culturais.

Figura 5 – trecho da atividade 1 – 8º ano

Leia esta tira de Alexandre Beck:



BECK, Alexandre. Armandinho, 10 jul. 2015. Disponível em: <https://livro.pw/nvoip>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Fonte: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/leitor/portugues-linguagens-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/?obraId=6010>. Acesso em: maio de 2026.

Antes de ler a tirinha de Armandinho, pergunte aos alunos se eles conhecem filmes do gênero faroeste, ou western, comuns sobretudo nas décadas de 1930 a 1970. Tais filmes tinham como pano de fundo a colonização do oeste dos Estados Unidos, no século XIX. A ideia dos colonizadores era ocupar terras em que habitavam os indígenas e lá estabelecer grandes propriedades dedicadas à criação de gado, além de para lá levar a “civilização” – por exemplo, a instalação de estradas de ferro. Daí a presença, em muitos desses filmes, de violentas disputas entre os “mocinhos”, os cowboys, e os vilões, isto é, os indígenas, os “peles-vermelhas”. O faroeste obteve imenso sucesso não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo todo. Hoje as obras desse gênero cinematográfico são raras e, geralmente, adotam uma visão crítica desse período da história estadunidense, sobretudo em relação ao modo negativo e preconceituoso de representar os indígenas, que estavam defendendo suas terras.

Quanto à expressão “cara-pálida”, ela se contrapunha justamente à expressão “pele-vermelha”, que acabamos de mencionar: supostamente, seria dessa maneira que os indígenas se referiam às pessoas brancas que lutavam contra eles. A esse respeito, vale a pena ler este trecho de um artigo do professor Jean Lauand, da área da Educação da Universidade de São Paulo (USP): “A expressão ‘Nós, quem, cara-pálida?’, procede de uma piada do início dos anos [19]60. A TV brasileira exibia o seriado do herói Lone Ranger, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um Ranger sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: ‘Nós estamos perdidos, Tonto’. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: ‘Nós, quem, cara-pálida?’.” (LAUAND, Jean. Velha expressão da nova geração: o universo das frases feitas que sobrevivem apesar de perdidas as referências de origem. Disponível em: <https://livro.pw/qnics>. Acesso em: 6 maio 2022.) (Cereja; Vianna, p.64)

Portanto, o material didático contextualiza a expressão, discute sua circulação ao longo do tempo, além de evidenciar seu processo de resignificação. Assim, de acordo com o livro

didático a expressão “Nós, quem, cara-pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 1960. A TV brasileira exibia o seriado Zorro, sempre acompanhado do indígena Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por indígenas. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto” e o Tonto responde: “Nós, quem, cara-pálida?”. Além disso, a análise articula a expressão a debates sociais importantes, como discriminação e limites do humor. Observa-se um tratamento mais sofisticado.

A atividade também se destaca por estabelecer diálogo com outros materiais, neste caso ao manual do professor Jean Lauand. Nesse sentido, é fundamental lembrar que o tratamento das ufs pode ser enriquecido com o recurso a outras ferramentas, como dicionários fraseológicos e obras especializadas.

Do ponto de vista dos critérios estabelecidos nesta pesquisa, observa-se a presença de contextualização histórica e cultural da expressão, uma vez que o material recupera sua origem. Além disso, há exploração de sua circulação social ao mencionar a popularização da expressão em seriados televisivos e piadas veiculadas na cultura brasileira ao longo do século XX.

Também se verifica articulação com aspectos identitários e culturais, sobretudo ao problematizar a representação dos povos indígenas e os sentidos preconceituosos associados à expressão. Além disso, ao inserir a expressão em uma tira de humor, o exercício também promove reflexão sobre usos discursivos e ironia produzidos em diferentes contextos.

Outro aspecto relevante é que o exercício reconhece implicitamente a expressão como unidade cristalizada na língua, ainda que não aprofunde em sua classificação fraseológica. Diferentemente dos volumes anteriores, observa-se que a unidade fraseológica não funciona apenas como suporte para outros conteúdos, mas como elemento central para discussão discursiva e sociocultural.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas:

Quadro 6 – Análise da unidade 1, capítulo 3, eixo “oralidade em foco – 8º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Identificado
(ii) exploração de sua circulação social	Identificado

(iii) articulação com aspectos identitários	Identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Parcial
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Não identificado

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

No volume dedicado ao 9º ano, unidade 4, capítulo 3, páginas 290-291, a crônica “Calma, gente”, de Ivan Angelo¹¹, apresenta diversos fraseologismos como “dê tempo ao tempo”, “tempo real” e, especialmente, os provérbios “quando estiver com pressa, vá devagar” e “apressa-te devagar”. Neste exercício analisado, os provérbios funcionam como um eixo de reflexão sobre o tempo na sociedade contemporânea, os fraseologismos “quando estiver com pressa, vá devagar” e “apressa-te devagar” parecem contraditórios, em primeiro momento, porque unem duas ideias opostas (pressa e lentidão), entretanto, é justamente nesse paradoxo que está a reflexão proposta pelo cronista.

[...] É sábio um ditado russo que li citado pelo escritor Saul Bellow: ‘quando estiver com pressa, vá devagar’. Mais ou menos é o que o historiador romano Suetônio, biógrafo dos césares, aconselhou ao imperador Adriano, 1900 anos atrás: ‘Apressa-te devagar’. (Cereja; Viana, p.291).

Dessa forma, observa-se a presença do critério de contextualização histórica e cultural, ainda que de modo superficial, já que o livro não aprofunda as origens, os contextos de circulação ou as transformações dessas expressões ao longo do tempo. As ufs exercem função discursiva relevante na crônica, entretanto, não há exploração mais ampla nos exercícios acerca dos efeitos de sentido produzidos pelo uso desses provérbios em diferentes contextos comunicativos.

Sobre a circulação social dos provérbios, observa-se uma menção parcial, já que é informado ao leitor que os provérbios pertencem a outras tradições culturais. O exercício poderia problematizar em quais situações essas expressões ainda circulam ou quem as utiliza atualmente. Da mesma forma, não se observou articulação com aspectos identitários ou culturais dos próprios estudantes.

¹¹ O autor nasceu em 1936, em Barbacena (MG), é jornalista e cronista.

Portanto, os provérbios aparecem no texto como estruturantes para a reflexão central da crônica. É importante destacar que, ainda que o material mencione a origem dessas expressões, não há um aprofundamento maiores.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios usados para a análise das unidades fraseológicas no exercício:

Quadro 7 – Análise da unidade 4, capítulo 3 – 9º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Parcial
(ii) exploração de sua circulação social	Parcial
(iii) articulação com aspectos identitários	Não identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Não identificado
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Não identificado

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Ainda no volume dedicado ao 9º ano, unidade 3, capítulo 1, no eixo “Semântica e discurso”, na seção dedicada às figuras de sintaxe, página 171, os provérbios aparecem explicitamente, são eles: “casa de ferreiro, espeto de pau”, “em Roma, como os romanos” e “cada cabeça, uma sentença” e são explorados sobretudo como suporte para a identificação das figuras de linguagem elipse e zeugma. Embora o livro didático apresente uma definição sucinta de provérbio como “frase curta, oriunda da tradição popular e portadora de um saber baseado na experiência coletiva” (Cereja; Viana, p.171), essa abordagem não se desdobra em uma investigação mais ampla sobre sua dimensão cultural, histórica ou identitária. Vejamos o trecho da atividade a seguir:

Figura 6 – trecho da atividade 6 – 9º ano

6. Os provérbios são frases curtas que expressam um conhecimento baseado na experiência e cuja origem encontra-se na tradição de um povo. Por serem curtos, apresentam com frequência elipses e zeugmas. Fazendo as adaptações necessárias, reescreva no caderno os provérbios populares a seguir, explicitando os termos subentendidos.

Fonte: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/leitor/portugues-linguagens-9o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/?obraId=6012>. Acesso em: maio de 2026.

Diante dos critérios analisados na pesquisa, observa-se que há uma contextualização sucinta histórica e cultural, uma vez que o livro didático no enunciado da questão seis reconhece os provérbios como elementos provenientes da tradição popular. Contudo, não há aprofundamento sobre suas origens, seus contextos históricos de circulação ou os valores culturais associados a essas expressões.

Quanto aos critérios de circulação social, aspectos identitários e usos discursivos, eles não são abordados de forma suficiente, pois o exercício proposto não discute questões como contextos de uso dos provérbios, relação com as experiências culturais dos estudantes nem seus efeitos de sentido. Quanto à diferenciação entre categorias fraseológicas, o livro identifica os fraseologismos como provérbios e estabelece uma breve explicação suficiente para o entendimento do aluno.

Por fim, o critério de utilização da unidade fraseológica como suporte é claramente atendido. A atividade apresenta o provérbio “casa de ferreiro, espeto de pau” que segundo Hudinilson Urbano (2018, p.357) possui relação com a uf “Alfayate mal vestido, sapateiro mal calçado”, muito usada no século XVI, a inserção dessas informações durante a aula poderia favorecer discussões sobre os usos da língua no decorrer da história, bem como os processos de mudanças linguísticas.

Além disso, seria possível propor aproximações entre os provérbios apresentados no livro didático e aqueles já conhecidos pelos estudantes. No caso de “em Roma, como os romanos”, por exemplo, a atividade poderia estabelecer relações com expressões populares muito conhecidas como “quem tem boca vai a Roma” ou ainda com ufs que transmitam ideias semelhantes e façam parte do repertório linguístico dos alunos. Esse tipo de abordagem contribuiria para ampliar a reflexão sobre circulação social e cultura.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas no eixo “Semântica e discurso” do livro didático:

Quadro 8 – Análise da unidade 3, capítulo 1, eixo semântica e discurso – 9º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Parcial
(ii) exploração de sua circulação social	Não identificado
(iii) articulação com aspectos identitários	Não identificado
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Não identificado
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Identificado
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Predominante

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Ainda no volume dedicado ao 9º ano, unidade 3, capítulo 3, página 222, seção intitulada “Para escrever com informatividade e fundamentação argumentativa”, o cartum de Novaes (2008) é explorado a partir da construção da crítica e do humor e para que essa compreensão se efetive, o livro introduz a noção de senso comum, recorrendo aos estereótipos¹² (unidade semi-fraseológica) “o povo não sabe votar”, “o brasileiro não tem memória”, “homem não chora” e ao provérbio (unidade fraseológica) “cão que late não morde”. O livro didático define senso comum como um “conjunto de ideias quase sempre generalizantes, baseadas na experiência coletiva e cotidiana acumulada por um grupo social, ou pelos membros de uma sociedade” (Cereja; Viana, p.223). A proposta da atividade mostra-se relevante do ponto de vista da leitura e da argumentação, pois consiste em preparar os estudantes para a leitura e análise de um texto dissertativo sobre violência social e informatividade, levando o aluno a refletir sobre a

¹² O estereótipo trata-se de uma fórmula repetida, cuja circulação não implica compromisso com a verdade, mas com a reprodução de uma representação coletiva cristalizada.

necessidade de evitar argumentos generalizados, baseados em estereótipos.

Embora as expressões sejam centrais para a compreensão da proposta, o livro didático não desenvolve reflexões mais aprofundadas sobre os fraseologismos. Não há discussão, por exemplo, acerca da circulação social dessas unidades, dos contextos em que são utilizadas ou dos grupos sociais que as usam. No exemplo do estereótipo “homem não chora”, seria possível ampliar a atividade por meio de debates sobre a concepção de masculinidade, preconceitos de gênero e permanência de discursos estereotipados na sociedade.

Portanto, no que se refere especificamente ao trabalho com unidades fraseológicas, a abordagem permanece limitada, já que as ufs são utilizadas apenas como suporte para a atividade.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese elaborado com base nos critérios utilizados para a análise das unidades fraseológicas no livro didático:

Quadro 9 – Análise da unidade 3, capítulo 3 – 9º ano

Critérios de análise	Análise do material:
(i) contextualização histórica ou cultural da expressão	Não identificado
(ii) exploração de sua circulação social	Parcial
(iii) articulação com aspectos identitários	Parcial
(iv) reflexão sobre usos discursivos	Parcial
(v) diferenciação entre categorias fraseológicas	Não identificado
(vi) utilização da unidade fraseológica como suporte	Predominante

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

De maneira geral, a análise dos dados confirma a hipótese inicial desta pesquisa: embora os fraseologismos estejam presentes ao longo dos volumes da coleção analisada, seu tratamento didático ocorre, predominantemente, de forma secundária e superficial. Na maior parte das atividades, as unidades fraseológicas são usadas como suporte para o ensino de conteúdos

gramaticais ou semânticos, sem que haja aprofundamento de suas dimensões culturais, históricas, identitárias e discursivas. Tal constatação dialoga diretamente com as discussões teóricas apresentadas por Monteiro-Plantin (2014), Cunha e Ferraz (2010) e Souza e Salvador (2020), que apontam para a marginalização da Fraseologia no ensino de Língua Portuguesa e para a permanência de abordagens centradas apenas na explicação literal ou funcional dessas unidades.

A partir dos resultados obtidos, propõe-se, na seção a seguir, uma sequência didática, elaborada com o objetivo de favorecer reflexões acerca das relações entre língua, cultura, memória e identidade, permitindo que os alunos compreendam os fraseologismos não apenas como expressões cristalizadas da língua, mas também como linguagem que expressa experiências humanas, históricas, práticas sociais e visões de mundo. Além disso, a proposta busca contribuir para o desenvolvimento da consciência linguística e cultural dos estudantes, valorizando saberes populares e ampliando as possibilidades de abordagem da Fraseologia no ensino de Língua Portuguesa.

Além disso, é importante também destacar a relevância dos dicionários e obras fraseológicas como ferramentas pedagógicas complementares ao livro didático em sala de aula. Pois essa ferramenta possibilita ampliar discussões sobre sentidos das ufs analisadas. Muitos desses materiais já abordam aspectos relacionados à cultura, identidade e memória coletiva. Nesse contexto, o livro didático deve ser compreendido como um suporte pedagógico importante, mas não como instrumento único ou suficiente, portanto o desenvolvimento do ensino depende também das escolhas metodológicas e da atuação do professor.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as discussões sobre Fraseologia e ensino de Língua Portuguesa, não apenas ao evidenciar as limitações presentes no tratamento didático dos fraseologismos, mas também ao apresentar uma proposta pedagógica que busca aproximar o ensino das experiências culturais e linguísticas dos estudantes.

3.2 Proposta de sequência didática

Com base nos resultados obtidos na análise dos livros didáticos, apresenta-se, nesta seção, uma sequência didática elaborada em consonância com o objetivo específico (iv) desta pesquisa, que consiste em propor uma sequência didática que articule o ensino dos fraseologismos a aspectos culturais e identitários, de modo a superar a ênfase na oposição

conotativa/denotativa. A proposta busca integrar práticas de leitura, pesquisa e produção textual (*post*), tomando os fraseologismos como objetos de reflexão linguística e sociocultural, e promovendo o contato dos estudantes com diferentes fontes, como dicionários fraseológicos, dicionários de língua e obras fraseológicas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Tema: Fraseologismos e identidade cultural no português brasileiro

Área do conhecimento: Linguagens

Componente curricular: Língua Portuguesa

Eixo: Ciência Lexical

Público alvo: 8º ou 9º do Ensino Fundamental II

Número de aulas: 4 aulas de 50 minutos

I) Justificativa:

Nos livros didáticos, o estudo dos fraseologismos costuma ser limitado à diferenciação entre linguagem conotativa e denotativa ou à simples tradução literal de expressões idiomáticas. Consideramos, que essa abordagem não é suficiente. Dessa maneira, buscamos explorar a dimensão cultural, histórica e identitária dos fraseologismos. Esta sequência didática propõe ampliar as discussões observadas na análise da coleção Português Linguagens (6º ao 9º ano), de William Roberto Cereja e Carolina Dias Vianna, aprovada pelo PNLD 2024–2027, promovendo reflexões sobre como os fraseologismos expressam identidades, valores e diferentes formas de ver e interpretar o mundo. Além disso, a proposta da sequência também se constitui como um importante exercício de leitura e produção textual, uma vez que as atividades propostas exigirão que os alunos busquem diferentes fontes, selecionem informações, reflitam sobre elas e, por fim, produza o gênero textual *post*.

II) Objetivos:

- Reconhecer a importância dos estudos fraseológicos como patrimônio cultural e linguístico;
- Desenvolver habilidades de pesquisa e uso crítico de dicionários e obras fraseológicas;

- Refletir sobre as identidades e culturas expressas nos fraseologismos;
- Analisar o confronto entre o entendimento popular e as acepções registradas em obras fraseológicas;
- Elaborar *posts* de divulgação fraseológico-cultural, relacionando os significados, usos sociais, origens históricas e aspectos identitários das unidades fraseológicas analisadas

III) Recursos:

- Textos previamente selecionados com fraseologismos e suas origens históricas;
- Obras fraseológicas (impressos ou em versão digital); dicionários de língua (Aurélio, Houaiss, etc.);
- Fichas de pesquisa para os alunos;
- Computadores, celulares ou tablets com acesso à internet;
- Programa de design gráfico (como Canva) para elaboração dos *posts*¹³.

IV) Organização geral das aulas da sequência didática:

Aula 1: Sensibilização - Levantamento de conhecimentos prévios sobre unidades fraseológicas presentes no cotidiano dos alunos.

Aula 2: Pesquisa em dicionários - Estudo dos sentidos, usos e origens de unidades fraseológicas. Pesquisa em dicionários e obras fraseológicas e preenchimento do quadro comparativo de análise.

Aula 3: Cultura e identidade nos fraseologismos - Estudo dos aspectos culturais e identitários presentes nos fraseologismos.

Aula 4: Produção criativa de *posts* fraseológico-culturais - Sistematizar e divulgar as pesquisas

¹³ A sugestão de utilização do programa Canva deve-se à observação de que os alunos já fazem uso recorrente dessa ferramenta em contextos escolares e também extraescolares, o que favorece a familiaridade com o programa. Ressalta-se, contudo, que, na ausência de acesso a computadores ou à internet, a atividade pode ser adaptada para produção manual, com a elaboração dos *posts* em formato diversos, como cartolina, para posterior afixação em mural escolar.

encontradas ao longo da sequência.

➤ MATERIAL DO PROFESSOR

Aula 1 – Sensibilização

Iniciar a aula apresentando exemplos de fraseologismos comuns de nosso dia a dia (“chutar o balde”, “ficar de molho”, “pé na estrada”). Em seguida, o professor deverá questionar aos alunos sobre outros fraseologismos que conhecem, investigando quais sentidos atribuem a elas e em quais contextos costumam ser utilizadas. Registrar no quadro um pequeno banco de ufs trazidas pelos alunos.

Aula 2 – Pesquisa em dicionários

O professor dividirá a turma em grupos e distribuirá textos previamente selecionados contendo unidades fraseológicas. Em seguida, os alunos deverão pesquisar, em dicionários de língua, dicionários fraseológicos e obras fraseológicas, os significados, usos e, quando possível, as origens históricas e culturais das expressões encontradas.

As informações coletadas deverão ser registradas no quadro de pesquisa fornecida pelo professor (quadro 1). Caso a escola não disponha de dicionários ou obras fraseológicos, os alunos poderão utilizar as obras em versão digital ou dicionários de língua e comparar as explicações encontradas com os sentidos atribuídos popularmente às expressões analisadas.

(Se não houver dicionário fraseológico, usar o comum e comparar as explicações).

Quadro 1 – Pesquisa em dicionários e obras fraseológicas

1.Unidade Fraseológica	2.Sentido atribuído popular	3.Acepção registrada em dicionário ou obra fraseológica	Origem histórica e cultural	Comparação entre sentidos	6.Observações

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Orientações para os alunos:

1. Registre, na primeira coluna do quadro, o fraseologismo recebido pelo grupo.
2. Converse no grupo sobre os sentidos que atribuem à expressão e em quais situações ela costuma ser utilizada.
3. Pesquisem, na obra fraseológica ou no dicionário de língua, os significados registrados para o fraseologismo analisado. Anote o que encontrou no quadro.
4. Verifique, sempre que possível, informações relacionadas à origem histórica e cultural do fraseologismo analisado.
5. Compare os sentidos atribuídos pelo grupo à expressão com as acepções encontradas nos dicionários e obras consultadas.
6. Acrescente hipóteses, curiosidades, observações ou conclusões no campo destinado às “observações”.

Aula 3 – Cultura e identidade nos fraseologismos

Cada grupo deverá compartilhar com a turma um ou dois fraseologismos analisados na Aula 2. Durante a apresentação, os alunos devem explicar: os sentidos inicialmente atribuídos à expressão; as acepções encontradas nos dicionários e obras fraseológicas; possíveis informações relacionadas à origem histórica e cultural das expressões pesquisadas.

Em seguida, o professor promoverá uma roda de conversa com a turma, buscando refletir sobre os aspectos culturais e identitários presentes nos fraseologismos. Algumas perguntas podem orientar a discussão:

- a) O que essas unidades fraseológicas revelam sobre a época, os costumes ou os contextos sociais em que surgiram?
- b) Há expressões que demonstram hábitos relacionados ao trabalho, à religião, à vida no campo ou à vida urbana?
- c) Vocês conhecem expressões que circulam apenas em nossa comunidade, cidade ou região?

Ao final da aula, o professor deverá retomar as discussões realizadas, destacando como

os fraseologismos podem expressar modos de vida, valores sociais, memórias coletivas e identidades culturais.

Aula 4 – Produção criativa

Os grupos deverão produzir *posts* para redes sociais ou para expor em mural da escola, sobre as unidades fraseológicas pesquisadas ao longo da sequência didática. Os materiais poderão ser elaborados em formato digital ou impresso.

Cada *post* deverá apresentar: a unidade fraseológica analisada; os sentidos atribuídos à expressão; a acepção registrada em dicionários ou obras fraseológicas; possíveis origens históricas e culturais; exemplos de uso; comentários e interpretações do grupo acerca dos aspectos culturais e identitários presentes na expressão.

Após a produção, os *posts* poderão ser publicados nas redes sociais da escola. Os grupos compartilharão seus materiais com a turma, explicando as escolhas realizadas e os principais resultados das pesquisas.

➤ MATERIAL DO ALUNO

Nesta atividade, vocês investigarão unidades fraseológicas presentes na língua portuguesa, analisando seus significados, origens históricas e aspectos culturais. O objetivo é compreender como os fraseologismos expressam modos de vida, valores sociais e identidades culturais.

Você já usou expressões como: “chutar o balde”, “ficar a ver navios”, “custar os olhos da cara”, “amigo da onça”, dentre outras?

Essas expressões fazem parte da cultura de um povo e são chamadas de **unidades fraseológicas** ou **fraseologismos**. Segundo os estudos da Fraseologia, essas unidades são combinações de duas ou mais palavras que costumam aparecer juntas.

O filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin explica que a língua está sempre ligada à vida em sociedade. Isso significa que as palavras e expressões surgem das experiências culturais, históricas e sociais das pessoas. Assim, os fraseologismos ajudam a revelar costumes, valores, memórias e modos de vida de diferentes grupos sociais.

Por isso, estudar fraseologismos não significa apenas descobrir o “significado” de uma expressão, mas também compreender: como ela surgiu; em quais contextos é utilizada; quais aspectos culturais ela representa; como ela circula entre os falantes, dentro outras análises possíveis.

Fraseologismos e cultura:

Os fraseologismos ajudam a preservar memórias e identidades culturais. Muitas expressões surgiram em contextos históricos específicos, ligados: ao trabalho; à religião; à vida no campo; à política; dentre outros.

Por isso, ao estudar esses fraseologismos, também estudamos aspectos da história e da cultura dos povos que as utilizam.

Você sabia?

A parêmia “nem tudo que reluz é ouro” é muito antiga e aparece registrada na obra *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare¹⁴, publicada no século XVI. Na história, um dos personagens precisa escolher entre três baús: um de ouro, um de prata e um de chumbo, para conquistar a mão da protagonista (Pórcia) em casamento.

O baú de ouro parecia o mais valioso e chamava atenção pela aparência brilhante, mas trazia a mensagem de que “nem tudo o que reluz é ouro”. Entretanto, o baú correto era o de chumbo, um material simples e sem brilho. Com isso, Shakespeare mostra que as aparências podem enganar e que aquilo que parece melhor à primeira vista nem sempre é realmente valioso.

Essa expressão resistiu a séculos e foi adaptada para diferentes línguas, chegando até os dias atuais como um ensinamento popular. Assim, o provérbio nos faz refletir sobre a importância de não julgar pessoas, objetos ou situações apenas pela aparência.

Em Ouro Preto, cidade histórica mineira marcada pela mineração durante o período colonial brasileiro, o provérbio ganhou um significado bem criativo.

Antigamente chamada de Vila Rica, Ouro Preto recebeu muitas pessoas em busca de riquezas minerais. Durante a exploração do ouro, muitas pessoas confundiam o metal precioso com a pirita, um mineral amarelado e brilhante conhecido popularmente como “ouro dos tolos” ou “ouro dos trouxas”. Apesar da semelhança visual, a pirita não possui o mesmo valor do ouro.

Relatos orais de guias de turismo da cidade contam que, em algumas situações, a pirita podia até ser vendida como se fosse ouro, enganando compradores desavisados.

Assim, o provérbio “nem tudo que reluz é ouro”, já conhecido na literatura inglesa, passou a dialogar também com a história e a memória cultural de Ouro Preto, reforçando a ideia de que

¹⁴ William Shakespeare (1564–1616) foi um escritor, poeta e dramaturgo nascido na Inglaterra muito conhecido por suas peças teatrais. Autor de clássicos como *Romeu e Julieta*, *Hamlet* e *O Mercador de Veneza*.

as aparências podem enganar (Lisboa, 2023, p. 148–150).

Categorias fraseológicas:

As unidades fraseológicas podem aparecer de diferentes formas:

Expressões idiomáticas: Possuem significado figurado, cujo significado não decorre da soma de sentido dos seus termos isolados. Exemplo: “amigo da onça”.

Provérbios ou parêmiás: Transmitam ensinamentos ou conselhos. Exemplo: “Deus ajuda quem cedo madruga.”

Pragmatema ou fórmulas de rotina: Usadas em situações sociais do cotidiano. Exemplo: “com licença”, “muito obrigado”

Colocações: Combinações de palavras que costumam aparecer juntas. Exemplo: “forte chuva”, “tomar uma decisão”

Estereótipos: unidades que repetidas automaticamente não tem compromisso com a verdade, revelando, muitas vezes, visões negativas e preconceituosas. Exemplo: “mulher não sabe dirigir”.

Clichês: unidades fraseológicas cristalizadas pelo uso frequente, sem, necessariamente, apresentar uma ideia preconcebida. São expressões bastante repetidas em determinados contextos discursivos. Exemplos: “era uma vez”, “viveram felizes para sempre”.

Bordões: expressões recorrentes, especialmente em discursos políticos, jornalísticos e midiáticos, utilizadas como estratégia de memorização e persuasão. A repetição frequente contribui para que sejam facilmente lembradas pelo público. Exemplo: “Lerê, lerê, lerê, lerê” música de abertura da telenovela Escrava Isaura (telenovela da TV Globo, Escrava Isaura, exibida em 1976/1977).

Slogan: expressões curtas e marcantes, geralmente construídas com recursos sonoros que facilitam a memorização, utilizadas com fins comerciais ou ideológicos em propagandas e campanhas publicitárias. Exemplos: “Amo muito tudo isso” (McDonald’s) e “Tomou Doril, a dor sumiu” (Doril).

Vamos colocar em prática:

Agora, vocês vão se organizar em grupos para analisar diferentes fraseologismos presentes nos textos selecionados. Cada grupo deverá identificar as unidades fraseológicas encontradas, classificá-las e pesquisar seus significados em dicionários e obras fraseológicas. Além disso,

será necessário comparar o entendimento popular das expressões com as acepções registradas nas obras consultadas. Ao final, os grupos deverão preencher o quadro de análise, registrando suas observações, hipóteses e conclusões sobre os aspectos culturais e identitários presentes em cada expressão encontrada.

Atividade: fraseologismos e identidade cultural

Grupo 01:

Atividade fraseológica: o objetivo é que você identifique uma unidade fraseológica no texto fornecido abaixo. Em seguida, você deve buscar nas obras fraseológicas a acepção dessas unidades. A atividade envolve realizar uma comparação entre o entendimento popular e o registrado nas obras, verificando similaridades e discrepâncias. Adicionalmente, se desejar, poderá acrescentar observações, hipóteses e conclusões decorrentes da análise realizada.

“Uma Discussão, uma briga de muitas pessoas a gente chama de arranca-rabo. Antigamente, nas batalhas, arrancar o rabo do cavalo do inimigo era uma façanha extraordinária. A mania chegou a Portugal e ao Brasil. Por aqui, virou prática de cangaceiros, que descaudavam os gados das fazendas para humilhar os proprietários [...]”. (Pimenta, 2002, p.25 modificado)

i) Unidades fraseológicas identificadas (não se esqueça de classificá-la); **ii) Entendimento popular;** **iii) Acepção nas obras fraseológicas** (não se esqueça de inserir a referência); **iv) similaridades e discrepâncias;** **v) observações, hipóteses e conclusões** (opcional).

1.Fraseologismo	2. Sentido atribuído popular	3.Acepção em dicionário ou em obras fraseológicas	Origem histórica e cultural	5. Comparação	6.Observações

Grupo 02:

Atividade fraseológica: o objetivo é que você identifique uma unidade fraseológica no texto fornecido abaixo. Em seguida, você deve buscar nas obras fraseológicas a acepção dessas unidades. A atividade envolve realizar uma comparação entre o entendimento popular e o registrado nas obras, verificando similaridades e discrepâncias. Adicionalmente, se desejar, poderá acrescentar observações, hipóteses e conclusões decorrentes da análise realizada.

“[...] Diego de Almagro (1479-1538) foi um dos mais famosos conquistadores espanhóis, tendo participado da conquista do Império Inca juntamente com Francisco Pizarro. Durante uma das batalhas travadas no atual território do Peru, Almagro foi gravemente ferido e acabou perdendo um olho. Mesmo com essa terrível perda, ele continuou a lutar e a investir na conquista das novas terras, sacrificando muito de sua saúde. Por causa do alto custo que essa empreitada representou para ele, tanto em termos físicos quanto financeiros, surgiu a expressão custar os olhos da cara. Ela passou a ser usada para descrever algo extremamente caro ou que demanda um grande sacrifício [...]” (Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/nao-marque-touca-a-origem-de-35-expressoes-populares>>. Acesso em: 20 jun. 2024, modificado).

i) Unidades fraseológicas identificadas (não se esqueça de classificá-la); **ii) Entendimento popular;** **iii) Acepção nas obras fraseológicas** (não se esqueça de inserir a referência); **iv) similaridades e discrepâncias;** **v) observações, hipóteses e conclusões** (opcional).

1.Fraseologismo	2. Sentido atribuído popular	3.Acepção em dicionário ou em obras fraseológicas	Origem histórica e cultural	5. Comparação	6.Observações

Grupo 03:

Atividade fraseológica: o objetivo é que você identifique uma unidade fraseológica no texto fornecido abaixo. Em seguida, você deve buscar nas obras fraseológicas a acepção dessas unidades. A atividade envolve realizar uma comparação entre o entendimento popular e o registrado nas obras, verificando similaridades e discrepâncias. Adicionalmente, se desejar, poderá acrescentar observações, hipóteses e conclusões decorrentes da análise realizada.

“[...] Em Minas Gerais foi tirado muito ouro em pó e pepitas de diversos tamanhos. Encontram-se, em Lisboa, capital de Portugal, torrões de ouro de quatro quilos e seiscentas gramas guardadas em cofres secretos. Minas Gerais foi responsável pela produção de 1/3 do ouro extraído no mundo, entre 1700 a 1800, 70% em Vila Rica. A maior parte desse ouro escoou para a Inglaterra através do tratado comercial conhecido como tratado de panos e vinhos, onde Portugal vendia produtos agrícolas como o vinho do porto e comprava produtos industrializados da Inglaterra. Depois, Portugal perdeu muito ouro quando Napoleão Bonaparte invadiu seu território em 1808 e a família real fugiu para o Brasil escoltada pela marinha inglesa. Daí a expressão ficou a ver navios, que significa situação que alguém que esperava por algo acabou se decepcionando” (Eleotério, 2021, p.2, modificado).

i) Unidades fraseológicas identificadas (não se esqueça de classificá-la); **ii) Entendimento popular;** **iii) Acepção nas obras fraseológicas** (não se esqueça de inserir a referência); **iv) similaridades e discrepâncias;** **v) observações, hipóteses e conclusões** (opcional).

1.Fraseologismo	2. Sentido atribuído popular	3.Acepção em dicionário ou em obras fraseológicas	Origem histórica e cultural	5. Comparação	6.Observações

Grupo 04:

Atividade fraseológica: o objetivo é que você identifique uma unidade fraseológica no texto fornecido abaixo. Em seguida, você deve buscar nas obras fraseológicas a aceção dessas unidades. A atividade envolve realizar uma comparação entre o entendimento popular e o registrado nas obras, verificando similaridades e discrepâncias. Adicionalmente, se desejar, poderá acrescentar observações, hipóteses e conclusões decorrentes da análise realizada.

“[...] Há muitos anos, em um pequeno vilarejo à beira-mar de Portugal, vivia um pescador chamado Pedro. Ele era conhecido por sua habilidade excepcional na pesca de bacalhaus, mas também por sua magreza impressionante. Um dia, durante uma venda de peixes na porta de sua casa, um cliente curioso perguntou a Pedro o segredo de sua magreza. Com um sorriso brincalhão, respondeu que era o resultado de sua dieta exclusiva de bacalhau fresco, pescado diariamente. Desde então, quando alguém na vila via uma pessoa demasiadamente magra, dizia-se que ela parecia um bacalhau de porta de venda, em referência ao magro pescador Pedro e sua dieta peculiar” (Pimenta, 2021, p.56, modificado).

i) Unidades fraseológicas identificadas (não se esqueça de classificá-la); **ii) Entendimento popular;** **iii) Aceção nas obras fraseológicas** (não se esqueça de inserir a referência); **iv) similaridades e discrepâncias;** **v) observações, hipóteses e conclusões** (opcional).

1.Fraseologismo	2. Sentido atribuído popular	3.Aceção em dicionário ou em obras fraseológicas	Origem histórica e cultural	5. Comparação	6.Observações

Grupo 05:

Atividade fraseológica: o objetivo é que você identifique uma unidade fraseológica no texto fornecido abaixo. Em seguida, você deve buscar nas obras fraseológicas a aceção dessas unidades. A atividade envolve realizar uma comparação entre o entendimento popular e o registrado nas obras, verificando similaridades e discrepâncias. Adicionalmente, se desejar, poderá acrescentar observações, hipóteses e conclusões decorrentes da análise realizada.

“[...] Pobre tonto, Quem te mete em camisas de onze varas! Tu só podes cantar em coxos versos, E ao som da má rabeca, com que atroas Os feitos de teu Amo, e os seus Despachos.” (Tomás Antônio Gonzaga, 1789, modificado). “[...] ao tentar impressionar a filha do prefeito

com suas danças desajeitadas, acabou pisando no pé do próprio pai dela. Desde então, quando alguém enfrenta uma situação muito embaraçosa ou complicada, diz-se que está em camisa de onze varas”.

i) Unidades fraseológicas identificadas (não se esqueça de classificá-la); **ii) Entendimento popular**; **iii) Acepção nas obras fraseológicas** (não se esqueça de inserir a referência); **iv) similaridades e discrepâncias**; **v) observações, hipóteses e conclusões** (opcional).

1.Fraseologismo	2. Sentido atribuído popular	3.Acepção em dicionário ou em obras fraseológicas	Origem histórica e cultural	5. Comparação	6.Observações

Grupo 06:

Atividade fraseológica: o objetivo é que você identifique uma unidade fraseológica no texto fornecido abaixo. Em seguida, você deve buscar nas obras fraseológicas a acepção dessas unidades. A atividade envolve realizar uma comparação entre o entendimento popular e o registrado nas obras, verificando similaridades e discrepâncias. Adicionalmente, se desejar, poderá acrescentar observações, hipóteses e conclusões decorrentes da análise realizada.

“[...] a expressão foi popularizada pela revista **O Cruzeiro**, que publicou de 1943 a 1961 as tiras do personagem criado pelo chargista Péricles Andrade Maranhão. Sempre levando vantagem sobre os outros personagens da tira, o amigo da onça se tornou símbolo de alguém traiçoeiro e oportunista, que frequentemente engana seus amigos para benefício próprio. Hoje, a expressão é usada para descrever pessoas que fingem ser amigas, mas que na verdade estão sempre prontas para trair ou prejudicar aqueles ao seu redor em busca de vantagens pessoais” (Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/nao-marque-touca-a-origem-de-35-expressoes-populares>>. Acesso em: 20 jun. 2024, modificado).

i) Unidades fraseológicas identificadas (não se esqueça de classificá-la); **ii) Entendimento popular**; **iii) Acepção nas obras fraseológicas** (não se esqueça de inserir a referência); **iv) similaridades e discrepâncias**; **v) observações, hipóteses e conclusões** (opcional).

--	--	--	--	--	--

1.Fraseologismo	2. Sentido atribuído popular	3.Acepção em dicionário ou em obras fraseológicas	Origem histórica e cultural	5. Comparação	6.Observações

Atividade: produção do gênero textual *post*

Após a realização das pesquisas e do preenchimento do quadro de análise, cada grupo compartilhará com a turma os principais resultados encontrados sobre os fraseologismos analisados.

Em seguida, os conhecimentos construídos durante a sequência didática serão selecionados e utilizados na produção de *posts* fraseológico-culturais, que poderão ser divulgados nas redes sociais da escola ou expostos em murais da sala de aula.

Os *posts* poderão ser produzidos em formato digital (sugestão: Canva) ou impresso e deverão apresentar algumas das principais informações investigadas durante a pesquisa, tais como: o fraseologismo analisado; o significado popular da expressão; acepções encontradas em dicionários ou obras fraseológicas; possíveis explicações e origens históricas; curiosidades relacionadas ao contexto da expressão; exemplos de uso no cotidiano; imagens, ilustrações ou elementos visuais relacionados ao tema; referências utilizadas. Cada grupo também deverá elaborar uma legenda para acompanhar a publicação.

A seguir, apresentamos um exemplo de *post*. O modelo tem como objetivo ilustrar possibilidades de organização da produção textual.

DEVAGAR COM O ANDOR, que o santo é de barro

Expressão usada para alertar alguém a agir com calma, cuidado e atenção.



SIGNIFICADO POPULAR

Expressão usada para alertar alguém a agir com calma, cuidado e atenção, pois algo pode ser mais frágil do que parece.



DICIONÁRIOS E OBRAS FRASEOLÓGICAS

Nascentes (1945; 1966) e Magalhães Júnior (1977) afirmam que a expressão surgiu nas procissões religiosas, quando o padre alertava: “devagar com o andor, que o santo é de barro!” para que a imagem não quebrasse.



EXEMPLO DE USO

“Calma! Devagar com o andor que o santo é de barro!”



ORIGEM HISTÓRICA E CULTURAL



Imagens religiosas usadas nas procissões eram ocas e, em certas histórias populares, **podiam até esconder ouro em seu interior.**



Além das narrativas sobre contrabando, as esculturas também eram feitas ocas por um motivo prático: imagens muito grandes e maciças **podiam rachar com o tempo devido às mudanças na madeira.**



O interior vazio deixava a peça **mais leve e facilitava o transporte** durante as procissões pelas ladeiras da cidade.

Assim, a expressão “devagar com o andor que o santo é de barro” passou a representar **cuidado, atenção e cautela** diante da fragilidade das coisas e das aparências.

POR QUE AS IMAGENS ERAM OCAS?

✓ Imagens muito grandes e maciças podem rachar com o tempo, por causa da expansão e contração da madeira.

✓ O interior oco deixa a imagem mais leve, facilitando o transporte nas procissões.



REFERÊNCIAS

- LISBOA, Ana Luiza Barreto. A preservação da memória através do léxico: análise de unidades fraseológicas na cidade de Ouro Preto-MG. 2023.
- NASCENTES, Antenor. Tesouro da fraseologia brasileira. 1945/1966.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Dicionário de provérbios, frases feitas e ditos curiosos. 1977.



Fonte: Lisboa, 2026.

Legenda: Você já ouviu a expressão “devagar com o andor que o santo é de barro”? Além de significar cuidado e atenção, esse fraseologismo também guarda histórias e memórias da cultura mineira e das procissões religiosas de Ouro Preto.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo elaborar uma proposta que amplie a abordagem didática dos fraseologismos em livros didáticos, articulando esse conteúdo a aspectos culturais e identitários, bem como compreender de que maneira essas unidades fraseológicas são abordadas e se há, de fato, articulação com dimensões culturais, identitárias e discursivas. Nesse sentido, considera-se que o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa foram contemplados, uma vez que a análise permitiu identificar padrões recorrentes de abordagem e suas limitações.

Os dados analisados evidenciaram que os fraseologismos estão presentes em todos os volumes da coleção investigada, o que demonstra certo reconhecimento de sua relevância no ensino de língua portuguesa. Entretanto, essa presença ocorre, predominantemente, de forma secundária e superficial. Em grande parte das atividades, as unidades fraseológicas são utilizadas apenas como suporte para o ensino de conteúdos gramaticais ou semânticos, como identificação de figuras de linguagem, classes gramaticais ou funções sintáticas.

Dessa forma, os resultados obtidos confirmam a hipótese inicial desta pesquisa, segundo a qual o tratamento dado aos fraseologismos nos livros didáticos tende a privilegiar abordagens restritas à dimensão estrutural e semântica, com pouca exploração de suas dimensões culturais, históricas, identitárias e discursivas.

Dessa forma, o principal desdobramento desta pesquisa consiste na elaboração da sequência didática apresentada na seção seguinte, construída como uma proposta de intervenção pedagógica voltada ao ensino lexical sob uma perspectiva cultural e identitária. A proposta foi desenvolvida a partir das lacunas observadas na análise dos livros didáticos e busca ampliar abordagens tradicionalmente restritas à identificação ou interpretação literal dessas unidades linguísticas.

A sequência foi organizada de modo a incentivar a participação ativa dos alunos por meio da investigação de fraseologismos, da pesquisa em obras fraseológicas e dicionários de língua, da comparação entre sentidos populares e registros dicionarizados e da reflexão sobre aspectos históricos, culturais e identitários. Nesse sentido, pretende-se contribuir para um ensino de Língua Portuguesa mais crítico, contextualizado e significativo, valorizando a memória coletiva, os saberes populares e as experiências linguísticas dos estudantes.

Quanto às categorias fraseológicas identificadas nos livros didáticos, verificou-se predominância das parêmiias (provérbios), que aparecem de maneira recorrente ao longo da

coleção. Também foram encontradas expressões idiomáticas e, em menor número, estereótipos. Por outro lado, categorias como pragmatemas, clichês, bordões, slogans e colocações praticamente não receberam atenção nas atividades analisadas, evidenciando um tratamento ainda restrito.

Para sintetizar esses resultados, apresenta-se, a seguir, um quadro-síntese das atividades analisadas, a fim de evidenciar as tendências observadas no tratamento das unidades fraseológicas ao longo da coleção:

Quadro 10 – síntese dos resultados

Volume/ano	Unidade/cap.	Tipo de uf	Objetivo da atividade
6º ano	Unidade 1, Cap. 3	Provérbios e expressões idiomáticas	Figuras de linguagem
6º ano	Unidade 4, Cap. 2	Provérbio	Análise de propaganda e construção de sentido
7º ano	Unidade 3, Cap. 1	Provérbios	Ensino de preposições
7º ano	Unidade 4, Cap. 2	Provérbios	Adjunto adverbial
8º ano	Unidade 1, Cap. 3	Estereótipo	Discussão sobre oralidade
9º ano	Unidade 4, Cap. 3	Provérbios	Reflexão sobre o tempo na crônica
9º ano	Unidade 3, Cap. 1	Provérbios	Figuras de linguagem de sintaxe
9º ano	Unidade 3, Cap. 3	Estereótipos e provérbio	Leitura argumentativa e senso comum

Fonte: elaboração da própria autora, 2026.

Sendo assim, os resultados desta pesquisa reforçam a necessidade de um ensino lexical de fraseologismos que ultrapasse a simples identificação, tradução literal ou classificação gramatical. Defende-se, nesse sentido, um trabalho pedagógico que considere essas unidades como práticas discursivas atravessadas por história, cultura e memória coletiva, possibilitando aos estudantes compreenderem seus usos sociais e valores simbólicos.

Desse modo, a valorização da dimensão fraseológica da língua contribui para um ensino de Língua Portuguesa mais contextualizado, ao aproximar os conteúdos escolares das

experiências linguísticas e culturais dos estudantes e ao favorecer uma compreensão mais ampla das relações entre língua, cultura e identidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOSHINOVE, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª edição. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino**. Coimbra: Collegio das artes da Companhia de Jesus, 1728.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: ><http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/><. Acesso em: 15 ago. 2024.

CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Saraiva Educação, 2024-2027.

CERVANTES, Miguel de. **Dom quixote**. Clube de Autores, 2018.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de Fraseología de la Lengua Española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, Gloria; MARTÍNEZ, Florentina M. Mena. **La globalización de la fraseología como convergência cultural**. Porto Alegre: PUC, 2004.

CUNHA, Aline Luiza da; FERRAZ, Aderlande Pereira. **Expressões idiomáticas na sala de aula de língua materna**: o tratamento dessas unidades lexicais no livro didático. Os estudos léxicos em diferentes perspectivas , p. 70, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. In: **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 1996. p. 101-101.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LAPA, M.R. **Estilística da Língua Portuguesa**.4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Um olhar sobre a interrelação entre fraseologia, memória e cultura: foco sobre o português brasileiro. In: Aparecida Negri Isquendo; Giselle Olivia Mantovanni Dal Corno (Org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 1ed.Campo Grande/MS: UFMS,2018, v.VIII, p.11-22.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no Ensino de Língua Materna**. Fortaleza: edições UFC, imprensa universitária, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PAMIES BERTRÁN, Antonio. O projeto dicionários culturais. In: Maria Luisa Ortiz Alvarez (ed.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**, 2013.

REIS, N. O. **Unidades Fraseológicas idiomáticas a dar com pau no livro didático Panorama Brasil: ensino do português no mundo dos negócios**. 2016. 178f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, PPGLin, Florianópolis, SC, 2016.

SHAKESPEARE, William. **O Mercador de Veneza**. Traduzido por Bulhão Pato. Typographia da Academia Real das Sciencias: Lisboa, 1881. (Obra original publicada em 1598).

SOUZA, Davi Pereira de; SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes. **Procurando agulha no palheiro em busca de fraseologismos em dois livros didáticos de português**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 357-379, 2022.

URBANO, Hudinilson. **Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós**. São Paulo: Cortez, 2018.